O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agencia em Paris: **Rue Feydeau, 26**
Agencia em Lisboa: **Largo de S. Paulo 12**

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO — **N.º 6** — Avulso 20 rs.
Sabbado, 11 de Janeiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

—**Monarchia** — AYRES D'ORNELLAS.
—**Notas de um lisboêta**—*O discurso*—ANSELMO.
—**Echos.**
—**Entrevista com Gustave Le Bon**—JOAQUIM LEITÃO.
—**Phantasias** — *Uma deserção* — ANSELMO.
—**Democracia**—EDUARDO LUPPI.
—**As conferencias de Londres**—A. d'O.
—**Mousinho de Albuquerque**—*Entrevista com Ayres d'Ornellas* — JOAQUIM LEITÃO.
—**Os intellectuaes da republica**
—**Carta de Paris**—J. SEQUEIRA
—**Carta de Lisboa**—RAUL.
—**Semana mundana**
—**Folhetim** — *A Chica — O seu retrato* — ANSELMO
—**Chronica dos Theatros**

MONARCHIA

Um dos mais falsos sophismas do erro revolucionario, já mais d'uma vez o temos dito, consiste em afirmar ser indifferente a forma politica d'um regimen, ou ser a republicana theoricamente melhor ou superior a outra. Tudo isto provem de theorias baseadas em conceitos abstractos, formulados por aquella *ideologia* que precisamente ha um seculo Napoleão apontava como causadora da ruina das sociedades.

Tambem é costume entre nós querer atenuar ou explicar os males que a republica tem desencadeado pela afirmação de que o paiz não está *bastante adiantado* para receber a forma republicana. Como se houvesse forma ou formula que podesse dar intelligencia ou saber aquelles que o 5 d'outubro levou ao poder!

Mas na data não muito afastada de 1905 separava-se da Suecia a Noruega. Acontece que o povo norueguez é talvez o mais *adiantado* da Europa, não só por não existir na sua população de 2 milhões e meio d'habitantes um só analphabeto, mas ainda pelo elevado grau de cultura que atesta a sua litteratura cuja influencia até nos da lingua latina é um dos factores da mentalidade contemporanea. Escolheu este povo, no uso pleno e consciente da sua liberdade, a forma monarchica para seu regimen, conquanto possa pezar o atrazo aos intellectuaes que actualmente dirigem os nossos destinos com o justo pasmo do mundo civilisado. A população essencial e verdadeiramente *democratica,* da Noruega afirmava por um exemplo tão eloquente a evolução autoritaria e monarchica da mentalidade contemporanea. E' certo que ainda neste ponto os intellectuaes nacionaes estão pasmosamente atrazados, e adaptaveis unicamente a auditorios de comicio. Ignoram as razões dessa decisão, taes como as apontava o celebre explorador Nansen; interrogado sobre os motivos da escolha dos seus concidadãos, respondia serem trez:

«Em primeiro logar, não sendo a Noruega um paiz rico, queremos um governo economico, e não ha governo mais caro que uma republica. Depois, queremos ser fortes, e a republica tornar-nos-hia muito fracos ao pé da Suecia. Finalmente queremos ser livres, e por forma alguma estamos dispostos a tolerar a tyrannia das facções».

Ponha-se *Portugal* onde se lê *Noruega,* e leia-se *Hespanha* em vez de *Suecia* e perguntamos a todo o portuguez de boa fé se as *razões* de Nansen nos não cabem perfeitamente.

Não ha governo mais caro que uma republica!

Que pavorosa demonstração desta verdade historica, a administração do regimen que soffremos?

São *20.500 contos* pelo menos, de *deficits* confessados em trez annos, são augmentos de despeza orçamentados em mais de *dez mil;* é toda a vida economica da nação paralysada pela incompetencia, o commercio acorrentado á ignorancia, o trabalho morto ás mãos da desordem.

Tivera o paiz, sob o regimen monarchico, depois de terminadas as lutas civis, um largo periodo de desenvolvimento economico e de fecundo progresso. Apezar dos erros commettidos, deixava ao observador a impressão d'um organismo com vida, com recursos, destinado a um futuro prospero. Occupára e estava valorisando nas duas costas do continente africano um dominio que lhe garantia um logar de destaque na politica mundial. E essa politica sob a acção elevada e intelligente de reis como D. Luiz e D. Carlos deu ao nosso paiz uma situação respeitada no Concerto das grandes potencias. Depois do *ultimatum,* causado unicamente pela tentativa d'abandono da velha e tradicional politica monarchica, é admiravel ver como a acção d'El-Rei D. Carlos começando por anular os effeitos do chamado acordo anglo-allemão chega até á renovação da alliança e á visita inolvidavel do Rei Eduardo VII. Guilherme 2.º, o proprio presidente Loubet, indo a Lisboa, significavam a particular estima que o Chefe de Nação portugueza soubera grangear ao seu povo! Não ha, deveras, boa politica estrangeira, democraticamente. E o que quizeram os norueguezes, o que Nansen quer significar na *força* que a monarchia pode dar, é exactamente uma *situação internacional* estavel, um apoio no equilibrio das forças mundiaes que não pode ter uma nação *decapitada.* Não é possivel, dizia-se ha pouco no Parlamento francez, fazer politica externa á Déroulède e politica interna á Combes. Não é possivel governar um paiz como o fazem os intellectuaes do 5 d'outubro, e ter uma politica internacional digna e séria. D'ahi a situação criada á nacionalidade portugueza absolutamente desamparada no conflicto de interesses que constitue a politica d'hoje.

Absolutamente desamparada e diariamente mais arriscada. Porque o Portugal tal como o fizeram os revolucionarios não corresponde a nenhuma necessidade de occasião. E' filho natural da *ideologia,* foi criado de *palavriado* e querem aguental-o com *theorias.* Em vez de se reconhecerem solidarios com a tradição nacional, em vez de aproveitar em defeza da nação essa força d'um passado de seculos, em vez de justificar a existencia do novo regimen n'uma evolução da vontade nacional, defendem-se cuidadosamente de consultar essa mesma vontade, e calculando erradamente a sua duração, apezar de criado pela mentira e mantido pelo terror, afirmam-n'o cortado do passado ao qual juraram uma guerra tão intolerante como estupida e feroz!

O portuguez da historia, o que o mundo conhecia, sentimental, pouco pratico é certo, mas aventureiro, cavalheiroso, valente, trabalhador, elemento d'uma nacionalidade cuja cohesão soubera resistir ao embate de tormentas como o da conquista hespanhola, os das guerras Peninsulares, transformou-se hoje, para o estrangeiro, nesse ser extranho: o *carbonario!* E como se sabe, e parece ser certo, que só o *carbonario* é que aguenta o regimen, que d'outra forma succumbiria á execração nacional, pode licitamente inferir-se qual a a especie de consideração a que tem jus a republica que se installou em Lisboa.

Porque outro, o sentimento que se apaga com a guerra ao patrimonio nacional é o amor-proprio, a vontade de parecer bem aos olhos de estranhos, aquelle ciume e altivez que tornava o portuguez cioso defensor da sua historia e o rei cuidadoso defensor da dignidade nacional. Apagada a tradição, destruida a historia, tirada a base, o sentimento alluiu.

E d'ahi a explicação do socego e quietação com que se aceitam situações que normalmente deviam ser até mesmo inconcebiveis. Não existindo, ou não se afirmando aos olhos dos estranhos a altivez nacional, será isso mais um elemento de força?

Não se traduzirá assim aquella *fraqueza* da qual Nansen dizia quererem os seus compatriotas defender-se estabelecendo entre si o regimen monarchico?

Não será certo que com o actual regimen se aggravou a um ponto doentio o sentimento geral da sua inconstancia, da impossibilidade, cada dia manifesta da sua persistencia com a confissão cada vez mais clara da sua impotencia para viver, da sua incapacidade de acção governativa prática e efficaz? Não é unanime o traduzir-se essa *fraqueza* ingenita na phrase: «Isto não pode durar?»

E' porque a terceira razão de Nansen para preferir a monarchia, é querer ser *livre.*

Livres, e até á licença para a derrubar, foram os revolucionarios nos tempos da monarchia. Mas nunca regimen traduziu em mais torpe intolerancia o *crê* ou *morres* jacobino. E o facto ainda hontem passado com a publicação das *cartas* trocadas entre o Presidente e o seu governo, acabou por collocar, nitida e clara a questão. Para que em Portugal haja liberdade é necessario que mude o actual estado de coisas.

AYRES D'ORNELLAS.

Notas de um lisboeta

O discurso

Meus senhores e minhas senhoras:

O meu partido quer salvar a patria e a Republica, e, como me dizia ha pouco um suisso eminente, ha-de salval-a.

Para o conseguir o partido ha-de promover a paz nas consciencias, como me dizia um eminente suisso, estabelecer a ordem na sociedade, como um suisso eminente me dizia, e equilibrar as finanças do Estado, como me dizia um eminente suisso.

Na questão religiosa o partido de que sou chefe considera indispensavel, como me dizia um suisso eminente, a revisão da lei da Separação, de forma a apaziguar, como se expressava um eminente suisso, as consciencias sobresaltadas.

Na questão financeira... ah! a questão financeira! Como ha dias me dizia um suisso eminente, não a resolverá o partido nem pelo imposto nem pelo emprestimo, mas, como me dizia um eminente suisso, pela reducção das despezas, pelo augmento das receitas e pela extinção dos parasitas.

Não desdenho o exercito, nem despreso a armada, mas como me dizia ha pouco um suisso eminente, quero o primeiro sem luxos e a segunda sem futilidades. Quero ambos, exactamente como me dizia um eminente suisso, disciplinados e educados.

E para isso, lá m'o dizia ha pouco um suisso eminente, é preciso desenvolver a instrucção, não tanto a instrucção superior, mas, como me opinava ha pouco um eminente suisso, principalmente a instrucção popular.

Quanto á amnistia direi apenas que ella será dada. Não sei como, nem em que condições, porque m'o não disse ha dias um suisso eminente, mas o que sei é que será dada, porque lá isso é que o eminente suisso me disse.

E agora, meus senhores e minhas senhoras, que a hora vae adeantada, direi apenas que para a minha sepultura só peço uma pedra bem portugueza, — como por exemplo um marmore de Carrara, — e que, sem lhe inscreverem o meu nome, que nada vale, lhe ponham estas palavras singelas:

«*Aqui está enterrado um pateta ideal, que nunca soube fazer cousa nenhuma, mas que conheceu n'um sanatorio elevado um suisso eminente.*»

ANSELMO

ECHOS

Estupenda confissão

No seu longo discurso, cuidadosamente preparado e cuidadosissimamente revisto depois de pronunciado, com que o snr. Antonio José d'Almeida brindou ha dias os leitores da *Republica*, apoz a sensacional *matinée* offerecida ao evolucionismo pelo snr. commendador Santos no Colyseu dos Recreios,—fez o chefe do partido evolucionista sob a forma pittoresca d'um pedido de epitaphio para a sua sepultura, uma confissão estupenda: a de que não sabe fazer politica.

Essa confissão está claramente feita no seguinte periodo final do seu discurso:

Se depois de morto, quizerem marcar a minha sepultura por alguma coisa, o que de resto é dispensável, ponham-lhe em cima uma loisa bem portugueza, e sem lhe inscreverem o meu nome, que nada vale, ponham-lhe apenas estas palavras: Aqui está enterrado um patriota leal, que nunca soube politicar.

Com surpreza nossa não vimos que depois d'esta confissão o partido o tivesse feito substituir na chefia, nem que o chefe de Estado o tivesse excluido do numero dos candidatos a chefe do governo nem sequer do numero das pessoas a quem tem consultado sobre a situação politica.

Comtudo a confissão expontanea do snr. Antonio José d'Almeida era de molde, n'um paiz onde houvesse dois dedos de senso commum, a liquidal-o como estadista, como chefe de partido, como membro do parlamento e até mesmo como director da *Republica*.

Pois se elle é o proprio a reconhecer que não sabe fazer politica, como se comprehende que pretenda governar um paiz, como se explica que seja chefe d'um partido politico, como se admitte que faça parte d'uma assemblêa politica, como se entende que seja director d'um jornal em que se critica a governação do paiz, isto é, onde portanto se faz politica?

Já estavamos de ha muito costumados ás revelações imprevistas dos discursos do snr. Antonio José d'Almeida, que em meio das banalidades sonoras que lhe são habituaes, as costumou sempre salpicar de trechosinhos destinados a lançar a assemblêa ou na mais ruidosa hilaridade ou na mais profunda estupefacção.

Mas em vesperas de o vermos elevado á chefia do governo d'este pobre Portugal, a confissão do snr. Antonio José d'Almeida quer revele a consciencia da sua incapacidade como estadista, quer revele a inconsciencia em que está do que seja a *politica* e do que signifique essa palavra, nem nos causa riso, nem nos põe estupefactos. Aterra-nos pela ideia do que será d'este pobre paiz vindo a cahir nas mãos de tal chefe de partido!

Crêmos bem que não lhe valerá nem mesmo o conselho interessado d'aquelle suisso eminente que o snr. Antonio José d'Almeida citou constantemente no seu discurso, e que encontrou no sanatorio das elevadas altitudes onde esteve, e onde, infelizmente, como se vê, se os pulmões melhoram, os miolos ficam na mesma... ou peor.

Archivo

Archivêmos isto que vale a pena, por muitos motivos:

O snr. Presidente da Republica na sua carta ao snr. Duarte Leite declarava desejar amnistiar os bispos, de forma a que estes pudessem voltar para as suas dioceses.

O *Mundo* descreve em traços negros a attitude dos bispos para com a Republica, e descreve-a a proposito das cartas trocadas entre o chefe do Estado e o chefe do governo, e conclue o que diz n'estas palavras que transcrevemos sem alteração d'uma virgula:

«*N'estes termos, chamar taes feras para o meio do rebanho, seria eloquente testemunho de imbecilidade.*

Lamentamos profundamente que o *Mundo*, orgão d'um dos partidos da Republica, de taes expressões use alludindo a pessoas que são merecedoras de toda a sympathia e consideração.

Inexactidão

Diz o *Mundo* que *gente de má fé*, (refere-se ao *Socialista*) *dando vulto ao que escreveu um jornal francez* procurando ferir o ministro portuguez em Paris, affirma *que esse diplomata devia fazer alguma cousa.*

Depois continua assim:

Não se trata de ignorancia; trata-se ainda de má fé. Porque toda a gente sabe que em casos taes, ou identicos, os diplomatas não podem, pessoalmente, faser nada. Não podem recorrer aos tribunaes, não podem exigir explicações, não podem jogar a pancada.

Visto que o *Mundo* não hesita em tocar na parte delicada da questão para fazer uma affirmação que não é verdadeira, não vemos inconveniente em fazer-lhe referencia tambem para dizer que não é verdade o que o *Mundo* diz.

E tanto que em varios paizes se tem dado o caso de diplomatas se demittirem para liquidar essas questões pessoaes, voltando a occupar os seus logares por nova nomeação, logo que as liquidaram. Ha tambem exemplos d'essa liquidação se fazer n'um curto periodo de licença pedida pelo diplomata

Protestos

Varios jornaes e entre elles o «Socialista», querem por força que todos os portuguezes se sintam profundamente offendidos pelas affrontas que o sr. Guy de Cassagnac dirigiu ao sr. João Chagas, ministro da Republica Portugueza em Paris.

Para nós, pela nossa parte, estamos promptos a declarar-nos profundamente indignados e offendidos com essa carta logo que nos façam favor de nos explicar o seguinte:

Offende essa carta o paiz a que pertencemos? Se offende, porque diacho havemos de ser nós quem erga brados ingnados, se o sr. João Chagas, a quem a carta foi dirigida e que é representante do paiz offendido junto do governo do paiz em que a offensa se fez, longe de a ter considerado offensiva, parece muito pelo contrario tel-a achado extremamente lisongeira para elle e para o paiz que representa, visto depois da sua publicação não ter dado accordo de si senão vindo a Lisboa para, voltando logo para Paris, mostrar que afinal de contas, apezar de tudo, o governo francez consentia que elle tornasse a voltar? Offende essa carta apenas o sr. João Chagas? Mas que temos todos nós, que tem o paiz com o sr. João Chagas, para que assim, como o desejam esses jornaes, nos levantemos todos indignados contra affrontas que o visado enguliu tranquilamente?

Que diacho? parece-nos que é preciso, antes de irmos todos perturbar a Europa com os nossos protestos contra as affrontas feitas ao snr. João Chagas ou ao paiz que elle representa, que o assumpto seja devidamente esclarecido.

E para que o assumpto seja devidamente esclarecido é preciso saber-se, na hypothese das affrontas attingirem o paiz porque não defendeu o sr. João Chagas, o paiz que representa, e que para isso lhe paga uma continha calada, muito calada mesmo, ou, na hypothese de ter a affronta attingido apenas o sr. João Chagas, porque é que aos seus compatriotas é que cabe o dever de o desaffrontar, quando não consta que o ministro em Paris seja nem um velho, nem um invalido.

Ponham isso tudo a claro, e depois então nós veremos se na realidade, como portuguezes, devemos protestar indignados contra o sr. Cassagnac, que escreveu a carta, ou contra o representante de Portugal que a enguliu!

Fale o Paiz!

N'um dos seus artigos do fundo,—dos que já foram publicados depois da chegada do sr. Antonio José d'Almeida, que é o especialista no genero,—põe como final na *Republica* as seguintes palavras;

«*Consiga o Paiz corrigir o seu erro messianico. Vença o pesadello que o asphixia. Readquira a consciencia do seu valor e da sua força. Crie uma finalidade certa e definida. Manifeste a sua vontade, diga o que pensa,—e...*

E... lá se vae por agua abaixo a Republica, lá d'isso não tenha duvida o sr. Antonio José d'Almeida, que de resto implicitamente o confessa ao terminar o periodo dizendo... *e a Patria Portugueza será ainda grande.*

Cêdo?... Tarde.

O *Intransigente*, como artigo do fundo do seu numero de 31 de Dezembro, publica apenas os seguintes periodos assignados pelo sr. Machado Santos:

«*A lingua é de prata, mas o silencio é de oiro!*

«Recordemos o velho ditado português neste findar de ano, deixando que cáia tranquilamente o pano ocultando as scenas que se desenrolaram nele.

E' cedo para que o nosso nome subscreva a critica destes 365 dias politicos.»

E' cedo?... Pois nós achamos que é tarde, e tarde de mais.

Se realmente o papel que o sr. Machado Santos teve na implantação da Republica foi o que dizem os seus panegyristas, a logica diz que não só não é cêdo ainda, como até que já é tarde.

Resta agora que os factos confirmem a logica.

Os presos politicos

No seu artigo o *Anno Politico* diz o sr. Cunha e Costa descrevendo o que se passou em Portugal depois da primeira incursão realista:

«*No trajecto para o carcere a populaça, açulada pela delirante propaganda dos seus chefes, insulta e espanca os prisioneiros, cobrindo-os de injurias, de lama, de escarros e de pancadas, que especialmente visam os padres.*»

A descripção do sr. Cunha e Costa em que estas palavras se conteem é feita como elemento de informação para conhecimento das causas que levam o articulista á conclusão de que a Republica se afunda pela indisciplina que creou.

Esqueceu ao sr. Cunha e Costa um pormenór que tem alta importancia e alta significação.

Elle é o de que esses prisioneiros, que assim foram tratados, iam escoltados por soldados que eram commandados por officiaes, não constando que até hoje se tivesse feito qualquer inquerito para se averiguar se esses officiaes procederam na circunstancia com a energia e a decisão que o brio militar reclama por parte d'aquelles que sob a sua guarda conduzem creaturas entre todas sagradas: *os prisioneiros.*

Syndicancias

Temos o prazer de offertar ao sr. dr. João de Menezes de Valdebuena o seguinte periodo do artigo o *Anno Politico* publicado no *Dia* pelo seu amigo o sr. dr. Cunha e Costa:

«*Assim, por exemplo, sindicancias ulteriores vieram provar á evidencia que as concessões de peculato e concussão de que foram alvo quasi todos os monarchicos em evidencia eram absoluctamente infundadas.*»

Aqui tem o sr. Menezes Valdebuena uma affirmação cathegorica que se nos affigura dever ser preciosamente archivada por muitos motivos e, entre elles, por ter sido escripta pelo sr. Cunha e Costa, republicano, antigo redactor do *Mundo*, por ter sido publicada no *Dia*, que é dirigido pelo sr. Moreira de Almeida, antigo director do orgão da dissidencia progressista, e por não ter conseguido fazer com que, dos archivos poeirentos em que jazem, saiam aquellas famosas syndicancias que o sr. Valdebuena segreda ahi pelos cafés terem revelado escandalosas roubalheiras, o que já toda a gente sabe ser redondamente falso.

Depoimento

Disse o sr. João Chagas, e dizem-n'o quasi todos os jornaes republicanos, que os monarchicos teem feito contra o paiz uma formidavel campanha no estrangeiro.

Ora o sr. Antonio José d'Almeida, que regressou agora de uma viagem pela Europa,—no decorrer da qual encontrou por signal, um eminente suisso que lhe fez revelações que muito o surprehenderam, como aquella de que as receitas dos caminhos de ferro suissos compensam a divida contrahida para a sua construcção,—o sr. Antonio José d'Almeida, diziamos, declarou no seu discurso pronunciado na *matineé* do Colyseu, que a Europa *nos olha em geral com má vontade*, o que o chefe dos evolucionistas nos periodos seguintes do discurso não attribue a qualquer campanha dos monarchicos mas ao facto de, *após o governo provisorio, ter começado o disturbio a ser a ordem do dia e o tumulto a ser o fim exclusivo dos agentes provocadores*, o que o leva a dizer que *começamos a ser considerados como um povo em sedição e uma patria ingovernavel.*

Como se vê o chefe do evolucionismo, chegadinho de fresco lá de fóra, não é da opinião do sr. João Chagas.

A divergencia comprehende-se. O sr. Antonio José d'Almeida lá fora fallou com um suisso eminente, e o snr. João Chagas no *Magic City* só falla com um creado de suissas, o que faz sua differença.

A legação no Japão

Diz *A Lucta* que no Japão foi recebido com grandes festas o sr. Batalha de Freitas, antigo e novo ministro de Portugal junto do governo japonez.

Talvez se julgue que *A Lucta* deu esta noticia para ser agradavel aos amigos do sr. Batalha de Freitas. Pois quem assim julgar, engana-se.

A Lucta deu a noticia para ser desagradavel ao sr. Affonso Costa que não pode deixar de ficar furioso de cada vez que se falla na legação portugueza no Japão, pois no tempo da Monarchia propoz que ella fosse supprimida, e na Republica não teve remedio senão aguentar que ella fosse restabelecida.

Processos novos

Transcrevemos do *Mundo* os seguintes periodos de uma sua local, por nos parecerem extremamente interessantes:

«O distinto official do exercito sr. coronel Manuel Augusto de Matos Cordeiro que ainda ultimamente deu provas de inteligencia e de amor pela Republica no comando militar de Bragança, quando da ultima incursão dos traidores á Patria, na proxima Ordem do Exercito, que deve sair ámanhã ou depois, deixa o comando do regimento de infantaria 2 para ceder o lugar a seu irmão, o coronel do corpo de Estado Maior Antonio Maria de Matos Cordeiro, que necessita de um anno de tirocinio para ser promovido a general.»

Temos pois que o sr. Manuel Mattos Cordeiro deixa o commando de infanteria 2 **para ceder o logar** a seu irmão, que **precisa** de um anno de tirocinio para ser promovido a general.

Mas se temos isto,—e temos, pois lá o diz com todas as lettras *O Mundo*,—temos tambem introduzido no exercito o novissimo processo das nomeações ou demissões dos diversos cargos militares se darem, não conforme convenha ou não ao serviço, mas conforme convenha ás familias ou aos amigos dos officiaes.

Assim este agora cede o logar ao irmão, que d'elle precisa; o irmão amanhã cedel-o-ha ao primo, se o primo d'elle precisar, e assim poderá muito bem o commando do regimento ir sendo cedido a todos os parentes que d'elle precisem para as suas promoções, emquanto outros officiaes se arrastam por essas provincias, sem esperanças de conseguirem um commando em Lisboa.

Entende a *Lucta* que contrahir grandes emprestimos tendo as finanças em ruina é uma loucura, mas abre uma excepção para um grande emprestimo de sciencia, de probidade e de verdadeiro patriotismo, que esse, sim, ella consideraria util.

E' interessante archivar esta confissão implicita d'*A Lucta* de que a Republica afinal de contas não trouxe para a governação do paiz aquella sabedoria, aquella probidade e aquelle patriotismo, que se affirmava nos comicios e na imprensa existir no partido republicano. Tanto não existia, ao contrario do que elles diziam, que *A Lucta* considera necessario pedir-se isso emprestado.

O que *A Lucta* não diz é que a Republica faria com esse emprestimo o mesmo que faria com um emprestimo em dinheiro, se alguem cahisse nessa: desperdiçal-o-hia em dois tempos e quando chegasse o dia do pagamento... abria fallencia.

Foi no tempo em que para ahi appareceram os brilhantes Bera.

O sr. Henrique de Vasconcellos entrando n'uma friza em S. Carlos diz espituosamente, apontando uma linda cruz de brilhantes que uma senhora tinha ao peito:

—São brilhantes Bera, minha senhora?

A interpellada responde-lhe immediatamente:

—Bera é o senhor, que é preto e anda a fingir de branco.

Como se sabe o sr. Henrique de Vasconcellos é mulato.

NOVO MINISTERIO

O gabinete, que acaba de organisar-se é presidido pelo Snr. Dr. Affonso Costa, chefe do partido republicano portuguez—mais conhecido por democratico—que ficou gerindo a pasta das finanças, sendo as restantes distribuidas do seguinte módo:

Justiça — Dr. Alvaro de Castro, official do exercito e formado em direito.

Interior — Dr. Rodrigo Rodrigues, director da Penitenciaria de Lisboa.

Estrangeiros — Dr. Antonio Macieira, advogado.

Guerra — Major Pereira Bastos.

Marinha — Freitas Ribeiro, official da Armada.

Fomento — Engenheiro Antonio Maria da Silva, director geral dos correios e chefe do grupo independente.

Colonias — Dr. Almeida Ribeiro, juiz de 2.ª instancia.

Gustave Le Bon e a restauração monarchica

NADA DE HEROES! NADA DE ADVOGADOS!

Opinião de Gustave Le Bon

O philosopho critica o movimento contra revolucionario

N'uma desnecessaria mas curiosa demonstração de que as suas prophecias sobre o futuro portuguez—derivadas da Lei de Separação, decretada pela republica, —não são o mau humor d'um philosopho (os philosophos, especialmente os psycollogos são inacessiveis á intoxicação politica) Gustave Le Bon tem estas palavras:

—A cada pagina d'esse grande drama que é a revolução francesa, encontramos numerosas applicações dos expostos nas minhas diversas obras, sobre a alma transitoria das multidões e sobre a alma permanente dos povos, sobre a acção das crenças, sobre o papel das influencias mysticas, affectivas e collectivas, sobre o conflicto das diversas formas de logica. As assembleias revolucionarias justificam todas as leis da psycollogia das multidões. Impulsivas e timidas, são dominadas por um pequeno numero de *meneurs* e actuam a maior parte das vezes em sentido contrario ás vontades individuaes dos membros que as compõem. Realista, a Constituinte destruiu a antiga monarchia; humanitaria, a legislativa permitte os massacres de setembro; pacifista, atira a França para guerras tremendas.

—Contradições.

—Que se veem semelhantes, na Convenção—, nota Gustave Le Bon, continuando a sua expressiva synthese—A immensa maioria dos seus membros repellia as violencias. Philosophos sentimentaes exaltavam a egualdade, a fraternidade, a liberdade, para cahirem afinal no mais horrivel despotismo. E durante o Directorio...

—Outras tantas contradições.

—As mesmas, as mesmas contradições! frisou Gustave Le Bon. Muito moderadas a principio, nas suas intenções, as assembleias não viveram todavia senão de golpes d'Estado sanguinarios, sob esse regimen. Desejavam restabelecer a paz religiosa e acabaram por deportar milhares de padres. Queriam reparar as ruinas que cobriam a França, e não fizeram senão accrescentar-lhe outras ruinas. Houve, pois, sempre opposição completa entre as vontades individuaes dos homens do periodo revolucionario e os actos das Assembleias que elles compunham. E' que, na realidade elles obedeciam a forças invisiveis de que não eram senhores. Suppondo actuar em nome da razão pura, soffriam influencias mysticas, affectivas e collectivas, incomprehensiveis para ellês e que nós só hoje começamos a discernir.

—E é por encontrar—perguntamos nós—, influencias mysticas dominando e pertubando o organismo português, alastrando e comprovando o conflito da alma transitoria das multidões republicanas com a alma permanente do povo português que o snr. Gustave Le Bon, com um criterio experimentalista, prophetisa que...?

—Portugal terá a sua restauração monarchica! conclue Le Bon.

E a nossa entrevista toma então um aspecto mais do que nunca curioso para o publico português: Le Bon vae examinar as condições em que se fará uma restauração.

Quem faz os reis

—Com que rei? pergunta o philosopho.

—D. Manuel.

—Julguei que quizessem outro.

—O povo não o acclamaria. Outro qualquer saber-lhe-ia a extrangeiro.

—Mesmo da familia?

—Mesmo da familia. O povo não conhece outro.

—Isso não tira! Luiz Filippe era um desconhecido em França, ninguem pensava n'elle; uma campanha de imprensa, umas semanas de propaganda, e Paris acclamava Luiz Filippe. A imprensa é que faz os reis, não são os reis que fazem a imprensa.

—D'acordo! O apostolo hoje é o jornalista. Santo Agostinho, se vivesse no nosso tempo, seria jornalista. E as guerras abrem sempre por uma batalha jornalistica. Os jornalistas é que rompem o fôgo. Mas Portugal é um pais sentimental, e está sob o imperio da logica affectiva: o retorno da monarchia é o regresso de D. Manuel (o filho de Carlos I).

—Bem! Mas agora pergunto eu: tendo os senhores por seu lado a força do numero e a força dos factos, como é que deram aquella demonstração de fraqueza, anno passado, com a incursão de outubro?

—Era inadiavel! Paiva Couceiro comprometêra-se a que só entraria em Portugal, quando se reputasse senhor dos meios para vencer. Mas dera a sua palavra de honra, a amigos lá de dentro, que, se qualquer cidade portuguêsa, entretanto se levantasse elle a secundaria, entrando fosse como fosse. Sublevou-se uma cidade, do norte; Paiva Couceiro tinha esse compromisso de honra, entrou.

—Sem armas, sem uma peça d'artilharia...

—Com 147 armas. Entraria com rabos de vassoura, se não tem conseguido as poucas armas que a columna levou.

—Mas isso foi um êrro! O senhor agora explica-me os porquês, e eu comprehendo; mas quando a incursão realista se realisou, eu não o tinha a si ao pé de mim para me explicar que, apesar d'aquella prova de fraqueza, os senhores eram a força. Os senhores entraram, foram batidos; eu, toda a gente, toda a Europa concluimos: Portugal não quer a monarchia. Um êrro, um êrro de palmatoria!

—Assim mesmo a columna de Couceiro venceu as forças republicanas, frescas e bem municiadas, e essa incursão attesta as quaiidades physicas e moraes do português: foi uma epopeia de sacrificios que ha-de ser respeitada e admirada quando fôr narrada.

—A columna do capitão Couceiro venceu?!

—Em Vinhaes e em Cazares, nos dois unicos combates que teve com as fôrças da Republica; feriu, pôz em debandada infantaria e cavallaria, e os monarchicos não tiveram uma baixa em combate.

—Mas então porque não tirou elle as consequencias logicas d'essas victorias?!...

—Que quer? Paiva Couceiro é uma figura do seculo XV, não é um revolucionario. Em Vinhaes quando as forças republicanas fugiam, a cavallaria com os cavallos á rédea, e a uma distancia de tiro de espingarda, Couceiro mandou cessar fôgo. Um soldado de Couceiro seguia de espingarda apontada a debandada dos outros; Paiva Couceiro deu-lhe uma pancada no braço, para que o tiro se perdesse no ar, e gritou-lhe: «*Não se atira sobre homens que fogem!...*»

Couceiro não podia esquecer que eram portuguezes!

—Erro, êrro, êrro! Um libertador não pára! O dever de Couceiro era abrir caminho e não parar senão em Lisboa, cair lá de surpreza. Se Napoleão I se tem demorado em Lyon, nunca teria entrado em Paris.

E depois d'um rapido silencio:

—Os senhores estão em Portugal como a França nas vesperas do Consulado: sem liberdade de imprensa, sem dinheiro, a tribuna parlamentar concedida apenas aos que teem a estampilha do regimen, o Terror sêcco. Mas, reparem bem: tudo isso se arrasta muito tempo! Nós, os francêzes, supportamos isso, e mais, e mais tempo.

—A França é mais corpulenta. Em Portugal, organismo mais pequeno, a irrigação do desespero é mais rapida.

Gustave Le Bon impõe uma condição á restauração

—O mais importante é a tolice da lei da Separação. Os senhores teem a restauração, quando quizerem! Com uma condição: arranjarem quatro homens intelligentes. que sejam psycóllogos. Não basta serem intelligentes, é preciso que sejam psycollogos.

—Quatro psycollogos...

—Dois, um, ao menos! Com um homem intelligente, psycollogo, os senhores restauram a monarchia. E restauram-a, repito, quando quizerem. Mas, meu caro amigo! Para agora nada de heroes, e para depois nada de advogados!

JOAQUIM LEITÃO.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimos-lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

Phatasias

Uma deserção

...E a Historia fazendo o seu balanço annual, continnou, voltando-se para o seu informador:

Passemos agora á Hespanha.

E puxando d'um livro de notas perguntou:

—Canalejas?

—Morto...assassinado por um anarchista.

—O nome do assassino que assim me pertence tambem?

—Pardillas, respondeu o informador consultando os seus apontamentos.

—Garcia Prieto?

Na sua quinta descansando das fadigas das negociações sobre Marrocos.

—Antes ou depois da morte de Canalejas?

—Depois.

A Historia olhou um pouco surprehendida o seu informador, e, com um ligeiro suspiro, preseguiu:

—La Cierva?

—Retirado da politica.

—O quê?!... E Maura?

—Tambem retirado da politica.

—Maura tambem?!

—Sim.

—E ha muito?

—Ha dias.

A Historia pensou uns largos minutos. Depois voltando-se para o seu secretario disse-lhe:

—Risque os dois nomes, e nas observações ponha: *por terem desertado, em vesperas de batalha, na presença do inimigo.*

ANSELMO.

DEMOCRACIA

I

Negar a Democracia é expressar a verdade. Mas cento e vinte annos de ficticio acatamento d'essa ideia absurda tornam na actualidade quasi que uma inconveniencia ás boas maneiras contestar os principios democraticos.

A prova de que assim é, o grau de convencional aceitação que aquella mentira politica attingiu, é frisantemente demonstrado pela extraordinaria attitude dos jornaes portuguezes anti-republicanos os quaes, nem mesmo perante o cahos revolucionario em que o pais se debate de ha dois annos a esta parte, deixam de apparentar reverencia pela falsa doutrina limitando-se a discutir os homens da Republica e as suas acções mas sem ousarem mostrar os erros das theorias que os levaram ao poder.

E' explicavel a transigencia. Em primeiro logar vem ella de longa data; desde o alvorecer da revolução franceza, para deixarmos em paz a antiguidade grega e romana: e o caracter humano é constituido de tal maneira que tudo conserva do passado—mesmo os maiores erros e as mais grosseiras superstições. Em segundo logar, motivos poderosos impuzeram, á força, a sua aceitação. Em França, entre a tomada da Bastilha e o estabelecimento do consulado, de 1789 a 1799, durante dez annos sem interrupção, actuaram como argumentos convincentes os chuços dos Sans-cullote e a guilhotina do Tribunal revolucionario. Depois, Bonaparte esmagou o terror jacobino, é facto. Mas, para servir a sua ambição, consolidou a obra revolucionaria e não puniu, antes premiou com vantagens materiaes e com distinções honorificas, muitos dos mais sanguinarios dos seus fautores. Assim foi que os demagogos não esqueceram a lição d'aquella decada vermelha e, d'ahi em deante, passaram a explorar a ameaça da sua repetição contra quem manifestava velleidades de engeitar o novo credo. Obedecendo á regra do menor esforço, voltando ao poder apoz os 26 annos de ostracismo de exilio e de perseguições, os conservadores francezes da restauração de 1814 foram caçar no mesmo terreno; e fingiram acatar a democracia, prestando aos seus principios o culto ostensivo das palavras, para poderem governar sem repressões. A reboque da França, n'isto como em muitas outras cousas, boas e más, o resto da Europa continental passou pouco mais ou menos pelas mesmas crises.

Ganhou a humanidade com a accomodaticia transigencia? Perdeu ella com a falta de coragem moral dos seus dirigentes? A critica historica o dirá quando d'aqui a muitas dezenas d'annos ainda, ou a alguns seculos talvez, estiver finalmente encerrado este cyclo politico que ao presente atravessamos mas em cujas ultimas phases parece termos já entrado. Seja porém licita, desde este momento, a exposição dos seus sinceros pontos de vista a quem nutre a firme convicção de que uma sociedade não póde viver em paz n'um ambiente de mentira e entrevê, como causa principal do sentimento de mal estar que ao presente prevalece na maioria dos povos, precisamente a acção desmoralisadora determinada pela falsa base do seu organismo politico.

Negar a democracia, não é, comtudo affirmar a autocracia. Tão absurdo e inviavel seria tentar realisar a segunda formula como a primeira porque, no fundo, as mesmas circumstancias, materiaes e moraes, se oppõem, se teem opposto sempre ambas. Se as cousas e os homens fossem o que não são, qualquer dos dois systemas seria possivel, talvez: mas a experiencia adquirida em millénios ensina-nos que, por melhoria de razão, não poderá n'essa ordem de factos conseguir-se no futuro o que nunca se obteve no passado.

Muito embora o contrario esteja scientificamente provado ha quem supponha terem na antiguidade existido povos que se regeram por meio de leis indifferentemente propostas por qualquer cidadão na praça publica, n'esse logar discutidas por todos e ahi mesmo approvadas e promulgadas. Assim como outros, senão os mesmos, imaginam apezar de a exemplificação da sua hypothese não constar de documento algum, que a auctoridade absolucta do primitivo chefe de familia logrou manter os seus illimitados poderes, durante certo tempo pelo menos, sobre os nucleos rudimentares que em torno do lar domestico vieram a aggregar-se.

Mas qualquer d'estas duas concepções antagonicas excede immensamente as realidades constatadas como é facil de verificar estudando-se a litteratura do genero. Povo algum viveu jámais sob nenhuma d'essas formulas extremas. A representação das vontades collectivas no dominio da legislação e a delegação do poder na esphera da governação datam da fórmação das primeiras sociedades humamas, encontram-se hoje em dia em função, como que retratando a historia dos tempos idos, na Africa adusta e nas florestas cis-Andinas, ultimos refugios da humanidade primitiva.

Oscillando alternadamente num sentido ou no outro o constitucionalismo, como modernamente se lhe chama, é velho como o mundo. E as suas modificações successivas, nem sempre representando aperfeiçoamentos, teem correspondido a transitorias necessidades do equilibrio d'esses dois factores, tão reaes e tão diversos, que determinam todos os actos da creatura humana: os seus instinctos animaes e as suas graças espirituaes.

Indicada esta reserva, que mais para deante será desenvolvida, para salvaguardar de más interpretações—prosigamos com a analyse das theorias democraticas.

EDUARDO LUPI

As conferencias de Londres

Depois de duas semanas de tensão durante as quaes a Europa parecia ir lenta mas seguramente deslisando até á guerra, o novo ano abre com uma certa *de etente* que oxalá seja pronuncio de um entendimento pratico.

Começaram os embaixadores das grandes Potencias por declarar o acordo feito entre os agrupamentos da Triplice alliança e da Triplice Entente acerca da autonomia da Albania e do porto commercial a conceder á Servia no Adriatico ligado ao territorio Servio por um caminho de ferro internacionalisado.

Este acordo, em que as difficuldades de execução se contam pelas palavras, mais parecia uma submissão da Triplice Entente ao programma da Triplice alliança, que, demais, acabava de declarar-se renovada por 14 annos, ainda antes de terminado o prazo que tornaria necessaria semelhante afirmação. Na Russia, a opinião manifestou-se logo e unanime contra essa solução, que, escrevia o *Novoie Oremia*, «é um golpe mais duro para nós do que a anexação da Bosnia e da Herzegovina. E no proprio dia em que na Duma, todos os partidos davam uma prova cabal da unanimidade de sentir do Povo Russo, o embaixador da Russia em Londres dá o seu assentimento á formula austriaca, absurda, maliciosa, cheia de perfidia». Talvez o sentir unanime do povo russo determinasse a publicação do Ukase de 24 de Dezembro prohibindo a publicação das informações respeitantes ás questões militares com uma minucia que bem revela a preparação guerreira do Imperio. Não só tudo quanto se refere a essa preparação, ou com ella se relacione tão remotamente como exercicios de tiro ou manobras, mas ainda o que respeita a licenças ou chamadas de reservistas e tudo quanto trate do exercito ou da marinha russos, na Russia ou no extrangeiro, é prohibido divulgar, e durante o periodo d'um anno. Não havia pois duvida de que a Russia se precavia contra a mobilisação austriaca que n'essa data completava os effectivos de guerra dos dois corpos d'exercito, 15.º e 16.º, da Bosnia e da Herzegovina e reforçava ainda esses effectivos nos 13.º (Agram) 4.º Budapert, 7.º (Temesvar) 2.º (Hermanstadat) todos proximos da fronteira Servia, assim como nos da Gallicia, o 1.º em Crocovia, 10.º em Przemyl e 11.º

em Lemberg. Com a chamada das licenças nos corpos de Viena, Presburgo e Kaschan, a preparação para a guerra abrangia no Imperio Austriaco as tres quartas partes das suas forças mobilisaveis.

Entretanto, como que apoiados por esta attitude, a Turquia parecia negar-se a reconhecer que os alliados balkanicos tivessem tido quaesquer vantagens militares. Os alliados tinham apresentado como condições de paz a reducção do territorio ottomano na Europa ao demarcado pela linha Rodosto—Midia, exceptuada a Albania onde o Sultão conservaria a suzerania. Era a tradução no tratado das acquisições territoriaes da campanha, comprehendendo, está claro, as tres praças sitiadas, cuja rendição é, militarmente, questão apenas de tempo. A Turquia respondia simplesmente offerecendo a autonomia da Macedonia. Parecia deveras mais que dilatoria a resposta. Finalmente hontem 1 de janeiro, appareceram as primeiras bases para seriamente se negociar. E parece ter-se concluido a cessão aos alliados de todos os territorios *situados* a oeste do vilaiete de Andrinopla, e não somente dos territorios *ocupados* como a Turquia propozera em primeiro logar. Quanto ás Ilhas do Mar Egeu a Turquia declara fazerem parte da Anatolia e não poder aceitar a sua cessão.

Parece-nos que esta declaração nos revela a orientação da politica do Imperio ottomano e por isso vale a pena insistir n'ella.

E' impossivel que na Turquia se não tenha reconhecido, como facto consumado, o fim da sua existencia como grande potencia europeia, ao passo que se lhe apresente o futuro de grande potencia asiatica. Mas para que n'estas condições não esteja a mercê do primeiro ataque carece na Europa de um baluarte, de uma linha de defeza sufficiente para garantir ao menos a neutralidade de Constantinopla e dos Estreitos pois a historia ensina que o Senhor de Constantinopla é o dono da Asia occidental. Ora desde que os alliados não entraram em Constantinopla, não nos parece crivel que os bulgaros obtenham Rodosto, pois é evidente que com esse porto no Mar de Marmara, ainda deixando á Turquia a peninsula *de Gallipoli*, ficariam de facto Senhores de Constantinopla.

Ainda para garantir a neutralidade dos Estreitos, se explica a posse pela Turquia senão das quatro ilhas, pelo menos de Tenedos e Imbros. Chio, Mitylene e Samos serão de facto mais asiaticas que europeias? Será este certo um dos pontos mais discutidos, não devendo esquecer que a Italia ocupa ainda as Sporadas.

Porque a questão do Mar Egeu vae ser a liça onde se travará a luta entre a influencia britanica e a alleman, que está no fundo de todas questões que agitam o mundo. Não se deve ter apagado da memoria que ainda não ha dois mezes toda a imprensa alleman, obedecendo sem duvida a uma alta inspiração, parecia querer atirar os alliados para Coustantinopla.

Abandonava assim a Allemanha o Sultão seu alliado? Não faltou quem comentasse mais essa *fluctuação* da Politica Imperial. Puro engano. A politica do Kaiser é sempre a mesma: á só alleman, e mais nada. Ora, de posse do senhorio economico da Asla menor convinha-lhe naturalmente, já que a Turquia da Europa se não aguentava, uma Turquia reduzida a essa Asia Menor, onde o allemão com o caminho de ferro de Bagdad e o porto de Alexandreta tem o seu dominio incontestado. E ao mesmo tempo, empurrando os bulgaros para Santa Sophia, adquiria jus especial á Gratidão da liga balkanica; continuava assim o predominio allemão na Peninsula. Se até a entrada do Diadocos em Salonica era saudado pelos *hurrahs!* do Kaiser!

Mas desde que, ou pela impossibilidade material de tirar proveito da victoria de Lula Burgas, ou por influencia Russa, o Cezar Fernando não entrou os muros de Byzancio, a Allemanha precisa d'uma Turquia que na Europa não fique reduzida ás praias do Mar de Marmara, sob a influencia e ao belo prazer da Gran Bretanha.

Está claro, que nesta luta, a Allemanha tem ainda uma vantagem, é que pode decidir-se por uma ou outra alternativa, indistinctamente e sem grande risco. Lá está a Austria pretendendo uma Albania que englobe a Velha Servia para dar um largo campo de discussões e manobras diplomaticas. Entre uma fronteira marcada pelo curso do rio Drin, como os alliados a traçam, ou a que abrange não só Scutari, mas Prizrend, Monastir e até Janina, como a Austria a quer ha differença tamanha que basta para explicar que a Russia se prepare para conservar nas fileiras a classe que dentro de 13 dias devia ser licenciado, se até então a desmoralisação austriaca não tiver demonstrado que a Monarchia Austro Hungara não pretende criar um estado seu satellite e que lhe faça o jogo na Peninsula balkanica. Parece que directamente entre os dois Imperios se procura uma solução amistosa. Até ella ser do dominio publico, os receios de guerra não se poderão desvanecer.

Paris, 2 de janeiro 913. A. d'O.

MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Entrevista com Ayres d'Ornellas

Seja para descançar a vista, magoada de olhar o presente destranquillisador e triste, seja para procurar padrões á sua esperança, a alma permanente dos povos compraz-se e precisa de mirar-se nos retratos dos filhos illustres que melhor resumiram o genio inato da raça.

Na historia portugueza dos nossos dias, Mousinho d'Albuquerque é uma das figuras que teve maior significação e maior acção.

A sua espada redeu-nos a Africa do Sul.

O seu nome reconquistou-nos na Europa o nosso lugar de honra.

Patentear como a obra de Mousinho d'Albuquerque foi consciente e preconcebida é prégar ao povo portuguez a necessidade de abandonar a sua mussulmana theoria da sorte, e propulsional-o para a aceitação das tarefas longamente, duramente demandadas, desde o trabalho do sonho concepcional até ao triumpho acclamador.

A obra d'arte como a obra do guerreiro não nascem improvisadamente na manhã em que o artista ou o épico as desvendam á gambiarra da gloria ou ao archote da victoria.

Fernando da Bulgaria não nasceu em Scutari; a marcha dos aliados balkanicos é a força, muito tempo latente, de um sonho que um tenaz, methodico e systhematico trabalho habilitou para os assombros da realisação.

A estrella napoleonica não cahiu sobre a fronte olympica da França pelo capricho d'um anjo protector.

Mousinho d'Albuquerque não foi o estouvamento d'uma audacia que a sorte coroasse; mas um cyclo glorioso em que Portugal parecia querer retomar o fio consciente das persecuções do seu destino.

A gratidão nacional, inclinada á passiva admiração das multidões, suppõe-o ainda um bafejado da sorte: é a necessidade de exagerar a admiração que ha nas multidões, mas é um exaggero que offende o valor consciente de Mousinho d'Albuquerque e que tira a Portugal o ensinamento de trabalho que esse alvo deve proporcionar.

Levantar na sua rigorosa attitude a figura de Mousinho é fazer bom trabalho.

Pedimos a Ayres d'Ornellas que nos fizesse essa *maquette* de Mousinho d'Albuquerque.

Ayres d'Ornellas foi chefe de estado maior de Mousinho; com uma cultura militar e geral raras, não só pôde entender Mousinho como póde hoje attestar e traduzir o que observou.

Predisposto a admirar como aos azedos é indispensavel odiar, Ayres d'Ornellas—um dos raros homens publicos que se não arreceiam da imprensa, antes a amando como quem a ella tem dado muito brilho com a sua penna culta—fez n'esta entrevista uma lição traçada na elegancia d'uma synthese. Senhor da technica de dizer, sabendo muito bem o que sabe, Ayres d'Ornellas resumiu n'uma hora o que ninguem ha perto de vinte annos ainda disséra em milhares de resmas de papel gastas a acclamar Mousinho.

E' que eminentemente jornalista, Ornellas conhece de cór e salteado o segredo da sobriedade com que os grandes mestres immortalisam um retrato.

Evidentemente, não podêmos publicar n'um só numero esta entrevista, por synthetica e sobria que ella seja, e é.

Hoje daremos apenas a parte que prova que a prisão do Gungunhana foi um acto consciente de Mousinho d'Albuquerque. Do conjuncto d'esses artigos resaltará o retrato do heroe de Chaimite.

O traço mais importante a procurar no

Retrato de Mousinho d'Albuquerque

era a preconcepção dos seus actos militares.

—Sei que vae responder-me affirmativamente, mas preciso que m'o prove com dois ou tres episodios—dissemos nós ao snr. Ayres d'Ornellas. Portugal suppõe que a prisão do Gungunhana foi uma aventura, a pluma d'um capacete de cavallaria que esvoaçou, com fortuna, na aringa do regulo. Tenho ouvido dizer a v. ex.ª que não. E' indispensavel que todo o paiz lh'o ouça.

—A obra de Mousinho d'Albuqnerque foi inteiramente consciente confirma Ayres d'Ornellas.—Mousinho tinha dois *apports*, empreguemos o termo francez já que estamos em Paris: o genio militar, o gosto pela profissão a uma cultura e competencia vastas. Esteve primeiro secretario geral da India. Não sei o que o levou á India. Recitava de cór trechos inteiros das *Lendas* de Gaspar Corrêa, é provavel que a obra dos chronistas que lhe eram familiares—, o tivesse arrastado á India. Mas é com a sua nomeação de Governador de Lourenço Marques que começa a sua grandiosa concepção da Africa Portngueza. Caldas Xavier fal-o nomear, por occasião do ultimatum, Governador de Lourenço Marques, e Mousinho prepára como governador os elementos que Caldas Xavier levou á chamada expedição de Manica. D'ahi traz a sua opinião de que emquanto se não apanhasse o Gungunhana, a Africa do Sul nos não pertenceria de facto. E' esse preparo de observação que mais tarde havia de levantar acclamadoramente as multidões portuguezas. Os grandes feitos não são improvisos, teem todos um *substratum* de trabalho preparatorio de que a admiração publica se não apercebe. Napoleão I assistindo a um congresso germanico, emendou a data d'um antigo tratado e repetiu de cór quasi todo o theor do tratado. Os principes germanicos que estavam presentes ficaram assombrados, e perguntaram-lhe como é que elle conhecia melhor do que elles o seu Direito Publico. Bonaparte explicou: era tenente, esteve destacado em Valance onde havia um livreiro chamado Aurel que, interessado pela intelligencia do joven official, lhe emprestava todos os livros que tinha na loja; Napoleão lera assim toda a livraria Aurel, e ahi encontrára a historia dos estados germanicos, que a sua memoria guardára e de que mais tarde o Imperador se viria a servir. Assim o feito de Moçambique, praticado quando governador de Gaza, era uma concepção do Mousinho governador de Lourenço Marques. Não só o Gungunhana se insurgira contra a suzerania de Portugal, como se sabia que as auctoridades inglezas faziam diligencias para que o regulo reconhecesse a soberania da Inglaterra.

—E' averiguado isso?

Uma taça de champagne historica

— Mais do que averiguado, declara o sr. Ayres d'Ornellas — documentadissimo. Mousinho tinha em casa uma taça de prata levada ao Gungunhama pelo Jameson, depois 1.º ministro no Cabo e com o seguinte distico—*To Gungunhana, from Victoria Queen.* Esse documento prova bem que o acto de Mousinho tinha seu fundado motivo. Em 1894 dá-se a revolta das Terras da Lunda, reconhece-se a gravidade, e Antonio Ennes acceita o cargo de commissario regio. Quando eu e Eduardo Costa embarcamos já sabiamos que Mousinho d'Albuquerque havia de ir lá ter, commandando a cavallaria. Ninguem mais o sabia, mas nós incluzivamente conheciamos a razão por que Mousinho era tranferido de cavallaria 4 para cavallaria 1, porque cavallaria 1 era a primeira a destacar. E Mousinho d'Albuquerque entretanto ficava em Lisboa publicando na *Revista do Exercito e Armada* e em jornaes diarios artigos sobre o papel da cavallaria nas campanhas d'Africa, seu papel na guerra dos Hullos, artigos em que transpareciam as suas ideas sobre o plano para prender o Gungunhana.

Deu-se o combate de Coollélla e derrota dos Vatuas, e o regresso do Galhardo, e a ninguem espantou que Antonio Ennes nomeasse Mousinho governador de Gaza. Eduardo Costa, ferido, partira adeante, e eu fiquei para acompanhar o Ennes, com o resto das forças. Em Mosssamedes, Antonio Ennes recebeu telegrammas do Lança, secretario geral e governador interino de Moçambique, que de Lourenço Marques lhe communicava que Mousinho estava resolvido a ir aprisionar o Gungunhana.

— Ora Antonio Ennes, no seu livro sobre as campanhas d'Africa de 1895, diz — se a memoria me não falha — dos seus receios de que Mousinho se embrenhasse n'uma aventura, tentando prender o Gungunhana. Diga-me V. Ex.ª com toda a franqueza: n'esse momento, participava d'esses receios ou tinha já confiança em Mousinho?

—Sem querer arvorar-me em propheta, respondo-lhe: é certo que Antonio Ennes receava que um golpe infeliz nos fizesse perder o terreno alcançado. Todos nós sabiamos das ideas de Mousinho. Como sempre que em Portugal um homem prége uma idea, uma missão, um plano, o asserto de Mousinho em querer apoderar-se do Gungunhana, e a sua propaganda constante do caso, eram tão conhecidos que se dizia que «era a mania» de Mousinho. Eu, porém, tanto confiava nas qualidades naturaes de Mousinho que tranquilisei o mais que pude Antonio Ennes. Continuámos a viagem, e de Mossamedes a Loanda nenhuma noticia houve. A noticia só nos chegou em Cabo Verde.

Ayres d'Ornellas transmitte ás forças da expedição a noticia da prisão do Gungunhana

— Devia ter sido um clamor de entusiasmo, a bordo!

— Se foi! Fui eu o encarregado de mandar tocar a unir e dar a noticia ás praças que vinham a bordo. E o enthusiasmo e as acclamações que os soldados, apesar de estarem na fórma, davam, provava bem que elles, que vinham do terreno de operações, comprehendiam o valor do feito de Mousinho. Os vivas ao exercito e os vivas á Patria, pareciam ter, então, um significado muito differente. O paiz imaginou que Mousinho fôra um tresloucado arrojando-se, n'um dia de telha, para a aringa do Gumgunhana, e que o seu acto fôra acaso de sorte. No exercito que tanto o acusára de ter a «mania de prender o Gungunhana» ficou-se sabendo que Mousinho d'Albuquerque não era um maniaco mas um official consciente, capaz de tornar realidade pela audacia e pela coragem, os sonhos do seu genio militar.

JOAQUIM LEITÃO.

Os intellectuaes da republica

Quando o Sr. Guerra Junqueiro chegou a Berne, fez declarações a um jornalista suisso, sendo d'ellas a mais notavel a de que o advento da republica em Portugal era a subida ao Poder dos intellectuaes do paiz.

Intellectual é palavra que de tanto e tão mal applicada, já hoje se póde dizer synónimo de pobre de espirito, em estylo corrente de gazetas; mas na bocca do Sr. Junqueiro, fallando a sério, parece queria ter o sentido de *homem intelligente e cultivado*. Ora a maior parte dos nomes dos nossos governantes eram desconhecidos para os que em Portugal somos dados a leituras outras que a de jornaes politicos. Só o de Theophilo Braga o não era tanto, sobretudo por celebrisado nos livros de Camillo Castello Branco, mas ainda por ter publicado alguns volumes sobre a historia da litteratura. E tendo sido este Sr. Braga o escolhido para presidir o novo governo é porque decerto o consideravam no partido como o intellectual dos intellectuaes, philosopho pensador em cujas ideias se inspiravam os do bando.

Muitas vezes eu tinha já aberto os volumes da *Historia da titteratura portugueza* e lido com o maior interesse as transcripções de documentos e livros varios que formam o melhor das muitas paginas de que elles se compõem; mas, com franqueza, as reflexões do auctor tinha impetos de as saltar, pelo arrevezado do estylo e por parecerem de nenhum alcance; e assim eu tinha o Sr. Theophilo como um rebuscador de manuscriptos, cujo trabalho era muito para agradecer, mas sem geito nenhum para saber servir-se do que ia achando.

E agora feito pensador dirigente d'um paiz!

Era natural a curiosidade em deslindar que ideias tenha.

Ultimamente publicou elle uma tetralogia, formada com dois poemas e dois dramas, em que pretendia compendiar todo o sentir da alma portugueza atravez dos seculos que a formaram; obra da edade madura, com certeza n'ella se concentraria a essencia da philosophia do auctor.

A primeira parte é um Fr. Gil de Santarem; (a que mãos foi parar o pobre santo!) Quiz embeber-me n'aquellas linhas, em columnas cerradas, que vistas de longe parecem versos e onde, de quando em quando, apparece uma rima e... não percebi nada, nem mesmo lendo as notas. As charadas do *Almanach de Lembranças* são muito mais faceis de decifrar. Verdadeiramente é este d'aquelles livros dos quaes Edgard Poë dizia que *se não deixam lêr*, e se por acaso algum dia o Sr. Theophilo tentar a releitura do seu poema, dou por certo que já não será capaz de explicar o que elocubrou.

Desistindo da poesia, tente-se a prosa. Abre-se ao acaso a historia da Arcadia. Começa dizendo: «*A litteratura portugueza no seculo XVIII foi d'uma mediocridade profunda.*» Ora se ha cousa que não pôde ser profunda é a mediocridade; o talento e a tolice poderão sêl-o, mas o proprio do mediocre é o de não ir nem muito alto, nem muito baixo. E assim desconfiando já da clareza d'ideias de quem tão mal sabe applicar epithetos, foi-se a muito custo decifrando, atravez d'este e dos outros volumes da litteratura, o que o auctor pensa da historia do seu paiz.

E' de pasmar! E um calafrio de susto corre o corpo ao pensar que o Sr. Teo-

philo anda ha tempos ameaçando publicar uma historia de Portugal; malfadada patria se ainda n'ella se chega a ensinar uma historia interpretada por tal cabeça. Diz-se elle positivista, discipulo d'Augusto Comte; devia pois, seguindo o mestre, da constatação dos factos, deduzir a theoria. Pois faz sempre o contrario, exactamente o contrario.

Apparece claro que já antes de ter lido fosse o que fosse, tinha construido completo o systema onde todos os acontecimentos deviam encaixar; ora acontece que não encaixam, não encaixam nunca. Não ha leitura mais irritante; já cança o trabalho de desembrulhar o sentido da trapalhice da phrase e desafina os nervos o vêr o commentario vir sempre desmentir o que o documento tinha dicto.

Para o Sr. Teophilo é esta a philosophia de toda a historia: a lucta da «Ideia jacobina», sempre sympathica, contra o espirito cathólico e monarchico, sempre torvo e criminoso. Não o chega a dizer claro, (e d'ahi talvez já o dissesse algures), mas para elle, tudo quanto se passou em Portugal, a conquista sobre os mouros, Aljubarrota, as descobertas, Alcacer-Kibir, 1640, o triumpho dos carlistas sobre a anarchia de D. Miguel, são os preparativos... do dia 5 d'Outubro. Desde todo o sempre, quanto houve de bom na patria veio caminhando para este apogeu: a applicação em Portugal das theorias que Jean-Jacques inventou; (o qual parece, se não enganam as datas ter nascido alguns annos depois de D. Affonso Henriques). Imagina-se quanta cousa inverosimil foi preciso accumular para tentar a prova d'uma concepção d'estas!

Estão os volumes que fallam dos quinhentistas cheios de paginas copiadas das chronicas, cancioneiro de Rezende, autos de Gil Vicente, epistolas de Sá de Miranda e Ferreira; ao lel-as, a alma dos que somos portuguezes verdadeiros enche-se-nos de glória, revendo-se no explendôr que é uma patria inteira tendo um mesmo sentir.

O mais da Europa, ardia em revoltas e em guerras, e em Portugal nem *jacqueries* nem Reforma e a guerra era só longe, na Africa, e na India, e com o mouro o inimigo natural, o inimigo de sempre; maravilha de bom senso e diplomacia foi D. Manoel ter conservado a paz, sendo-lhe tão instada a alliança, ora por Carlos V, ora por Francisco I. Foi n'esse tempo a patria, no inteiro sentido da palavra—uma nação; todos os corações batiam n'um mesmo desejo, o d'ir vendo alargando-se até aos ultimos fins do mundo a fé christã e o nome portuguez.

Para o Sr. Theophilo D. Manoel foi, como todos os outros reis, um tyranno compressôr das ambições do povo. Os reis pessimos, ministros pessimos, fidalguia pessima, clero ainda peor e Portugal na primeira metade do seculo XVI, foi a nação mais gloriosa da Europa. Mysterio incomprehensivel, mas conclusão a que se chegaria, acreditando nas interpretações do Sr. Braga. E descendo a particulares, quanta trapalhada se lhe encontra. E' o mesmo auctor quem mostra por documentos quanto foram liberaes para com Gil Vicente, tanto D. Manoel como D. João III, e como elle viveu sempre nas duas côrtes, agasalhado com verdadeira amizade. Mas Gil Vicente disse mal dos frades, cousa bastante para o Sr. Braga ter muita vontade de o apresentar como um dos precursores da «Ideia», e sendo assim, por força tambem havia de ter sido victima da ingratidão dos reis. Aproveita o prologo onde o poeta, já velho diz fallando de si: «Um Gil..: um Gil... um que não tem nem «ceitil» e insinua que no fim da vida estava elle pobre e que os reis lhe tinham tirado o que antes lhe tinham dado, escandalisados com a demasiada liberdade com que fallava dos religiosos. Mas esquece o auctor que poucas paginas atraz mostrou o quanto entrava nas vistas de D. Manoel e D. João III, que fossem ridicularisados os frades de máos costumes pois sempre andaram ambos empenhados na refórma d'alguns conventos onde a disciplina se relaxára e tanto que foi esse um dos fins da celebre embaixada a Roma de Tristão da Cunha; e poucas paginas adeante o mesmo o Sr. Theophilo prova serem os apuros de Gil Vicente quanto a dinheiro, apuros que não foram duradouros, devidos a ter-lhe um fogo destruido uma propriedade.

E sempre assim o finissimo criterio d'este historiador, o primeiro d'entre os intellectuaes da republica.

Que taes serão os outros!

ALVARO PINHEIRO CHAGAS (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1$200 reis

Á venda nas principaes livrarias

Carta de Paris

Paris, 28 de Dezembro, 912

Não devem admirar-se que o Natal em Paris seja bem differente do Natal em Portugal, quando a cidade lisboêta nem sequer comprehende o que é para o português do norte a terna noite de Natal.

Para o lisboêta o Natal é o dia, com o jantar de perú; para o português (que, para nós é o homem dentre Douro e Minho) o Natal é essa reunião d'almas em torno do regaço de dois velhos.

Paris não é a França e muitas vezes nem é o parisiense. O parisiense consôa no *chateau* onde ficou retido pelas recepções da caça; deu um pulo aos *boulevards* a comprar os presentes e os brinquêdos para a pequenada, e deitou a correr para o *chateau,* donde só regressa definitivamente em meados de janeiro, para passar então o seu inverno na capital: mez e meio, dois mezes em cada anno.

Em Paris moireja o provinciano e illude-se o extrangeiro.

Paris não podia, pois, ter esse Natal do norte de Portugal, com os seus taipaes postos ás 4 hores da tarde, a rua deserta e o lar cheio de commoção.

Para estas cidades cosmopolitas, Paris ou Buenos-Ayres, o Natal é um mixto da nossa noite de S. João e de carnaval—é uma festa de rua, que começa no theatro, e acaba no *restaurant.*

O *réveillon* é a ceia do Natal, mas no restaurant, de casaca e vestido decotado, com *champágne* e cornêtas de cartão, sombrinhas de papel, carapuços de papel de sêda, toda a brincadeira de um *cotillon* de carnaval.

E ninguem fica em casa essa noite: segundo as posses, Paris ceia n'um *bar* ou no *Carlton,* ou no *Majestic* ou no *Pré-Catelan,* mas ceia, *reveillonne.* E' uma noite de verdadeira loucura, em que esta gente tão sobria e tão agarrada de ordinario deita a casa pela janella.

Os *restaurants* estão abertos toda a noite, annunciam os *menus* da ceia 8 dias antes, e é preciso reservar as mezas com antecipação.

Nós honramos a tradição regional portuguêsa, mandando servir na nossa casa ás 8 horas a fumegante travessa de bacalhau—com bacalhau vindo da Patria—e as rabanadas perfumadas por canélla, recebida tambem da Patria n'essa manhã, porque... Paris tem Anatole France, tem a Sarah Bernardt tem Guitry mas não tem canella que preste. A canella que Paris vende é um serrim sem sabôr nem perfume.

Portugal ao menos mostra que foi á India: tem canéla.

E, prestado o culto aos usos patriarchaes, sahimos por volta da meia-noite, a prestar culto ao *reveillon* parisiense.

O convite d'um amigo, encantador collega e encantador espirito—André Muller —, levou-nos ao *Pré-Catelan,* restaurante defronte, do Bosque de Bolonha.

Na sombra fria do Bosque, dentre os troncos das arvores desplumadas, como esquelêtos colossaes estratificados n'uma ceifada de campo de batalha, um lindo pavilhão incendiava de repente a noite.

A sala principal do *Pré-Catelan* é composta de dois corpos rectangulares, reunidos por um semi-cyclo, cuja abobada espreita de varandas floridas, donde de vez em quando càem pétalas finas como neve colorida.

A parede interior e longa é toda de espelhos; a exterior é feita de arcarias de crystal.

De sorte que quer se esteja de costas para o exterior, quer se esteja de frente, ninguem deixa de gozar-se o fôgo que toda a noite é queimado no lago.

As ceias do Pré-Catalan são sempre um fecho d'oiro em qualquer noite elegante de Paris. As sextas-feiras de verão po *Pré-Catelan* rendem ao venturoso *restaurateur* o melhor de 600:000 francos, uns 120 contos de reis. Tambem uma meza de 4 pessoas não fica ali por menos de quinhentos francos.

Ceia em geral, no *Pré-Catelan* o Paris elegante, o que de direito retem esse nome e não o Paris do *Café de la Paix.*

N'esta ceia do Natal, quem ceava no *Pré-Catelan* era a *Boheme Dorée,* composta de artistas já celebres, o Montmartre consagrado e installado na vida, já de posse de casaca e condecorado.

Com muito mais unidade na frequencia, a ceia da *Boheme Dorée* tinha além do mais este grande encanto: é que era uma festa de Natal dos artistas, n'um salão que não estava á mercê do publico.

A noite teve esse encanto que os artistas dão a tudo quanto é tocado pelos seus dêdos de néo-creadores: alegria, flores, uma arvore do Natal carregada de brinquêdos—os artistas, os homens de talento são craenças grandes!—, mulheres vestidas pela imaginação d'um mégalomano, joias, talento, espirito, graça, calor.

De quando em quando, sobre a *gazon* do *Bois* uma luz de opála prolongava o horizonte do sonho.

Uma orchestra murmurava cadencias, com a timidez de tocar deante d'aquelle cénaculo onde havia compositores do talento e do nome de Jules Berny, o grande enthusiasta da festa da *Boheme Dorée,* o Jules Berny *charmeur,* que era das recordações mais gratas da noite.

Eram quatro horas da manhã quando nos despedimos de meia-duzia de amigos, que com as casacas, brancas da neve da arvore do natal, ainda faziam algum caso dos amigos n'essa hora em que, verdadeiras creanças sopravam em cornetins de papelão a *marcha da Aida,* e pediam rabujentos mais brinquêdos ao Pére Noel dos artistas que ali era Jules Berny.

Demos uma volta pelos *boulevards.* No *Majestic* ainda se ouviam as rálas de papelão e o grito das senhoras fugindo aos beijos que a tradição permitte dar a toda a rapariga que se encontrasse debaixo de um ramo de *gui.*

O *Carlton* e o *Elisée-Palace* ainda flamejavam candalabros e joias.

Pelos *boulevards,* que a chuva despediu mais cêdo do que anno passado, ainda passavam ranchos de casaca e vestidos decotados tocando gaitas de folles, na algazarra feroz das pessoas graves que premeditavam desfazer-se da sua gravidade habitual, n'uma hora solemne.

E, com essa reluctancia de recolher que acommette os noctivagos, nós fômos acabar a noite na casa das machinas do *Petit-Journal* que a essa hora marralhavam a tiragem infernal do *Excelsior* lá impresso. No grande pateo, duzias e duzias de carros com as letras—*Le Petit Journal*—100:000 exemplaires—5 centimos»—, estavam já atrelados para levar ás gares de Paris o milhão de exemplares do monstro.

Descêmos á fogueira; o *Excelsior* sahia em baforadas. E n'um numero, que nos deram, lêmos estas duas linhas em normando, negro de luto: *Le Peindre du «Rêve», Edouard Detaille est mort.*

Assim, essa noite, passada entre artistas, terminou a chorar um artista que pela sua galeria de pintor militar e patriotica merece bem o cognome de grande Francez com que Henri Frantz condecorou o seu tumulo.

J. SEQUEIRA.

O CORREIO

Em Paris:—Vende-se no kiosque n.º 10, em frente ao «Grand Café», Boulevard des Capucines.

Carta de Lisboa

Desde a nossa ultima carta até á sua publicação, sucedeu na politica precisamente o contrario do que escreveramos: o sr. Duarte Leite sempre se resolveu a apresentar officialmente a demissão do seu ministerio, e logo se encetaram as negociações para quem haverá de o substituir, que n'este momento não se sabe ainda quem será mas que sabbado quando o *Correio* apparecer nas ruas das capitaes, é muito provavel que se conheça já.

Em tempos idos, que já vão longe, ao que parece, tantos e tão variados acontecimentos se tem dado depois, nunca houve assim crises tão extravagantemente annunciadas, e tão inverosimilmente revolvidas; mas isso era dantes. Tudo agora mudou: costumes, sentimentos e praxes. O que então seria ilogico, é hoje racional; aquilo a que se chamava ridiculo passou ser tudo quanto ha de mais serio e como se reformou logo a ortographia, parece ter havido tambem quem se encarregou de reformar a moral. Crise ministerial que demora mais de tres dias sem resolução, era uma fonte de troça para os adversarios do regimen; hoje duram tres mezes, e no dizer dos mesmos, é tudo quanto ha de mais natural. N'um regimen podre, havia disciplina e ordem; n'um regimen novo, cheio de vida e de saude, não ha senão anarchia. Então havia liberdade de pensar, de fallar, de escrever, e de reunir. Hoje tudo isso desappareceu, mas em compensação emquanto se prohibe pessoas cultas de terem a sua opinião respeitosa sobre os acontecimentos e de representarem serena e ordeiramente, e ao abrigo da constituição, contra uma qualquer medida do governo, tolera-se quem em plena rua, á boca da noite, uma turba muito desordeira se manifeste tumultuariamente em frente de um quartel, vociferando contra o exercito, como succedem uma noute d'estas em plena capital, a dois passos do governo civil e em frente de todo o commando da guarda republicana, a proposito da transferencia de um official!

Mas deixemos cousas tristes e vamos á crise ministerial. Sabe-se pois que o sr. Antonio José de Almeida declinou o poder, depois de tres dias de conferencias, de visitas, de convites. Inclinando-se para as direitas o sr. Presidente da Republica tentou naturalmente procurar uma solução que se aproximasse mais do sonho geral. Não ha duvida, e o chefe ou presidente ou o quer que é dos evolucionistas tratou logo de agrupar em torno da sua presidencia de ministerio, as pessoas que no seu entender melhor poderiam colaborar consigo n'um programma que naturalmente lhes apresentou, e a acreditar na nota official, conseguiu-o. Isto é, conseguiu o concurso de sete individuos promptos para assumir as responsabilidades do governo, porque declarou que tinha ministerio, conseguiu o appoio do partido unionista, porque declarou que o tinha, até por escripto; mas sossobrou na *entente* com os independentes, os quaes em minoria, entendem que a amnistia se não deve conceder senão quando as circunstancias politicas o permitam e mesmo n'este caso só *parcialmente* sem abranger os dirigentes do movimento monarchico.

E' isto o que consta da nota official, e sobre ella é que se deve fazer a critica dos factos. E' possivel que nos emaranhados bastidores da politica outras causas tenham determinado o insucesso do sr. Antonio José de Almeida e que nem este mesmo, na sua eterna ingenuidade de tribuno phantasista e palavroso, tenha dado por ellas, mas para a nossa argumentação, o que veiu a lume basta, para confirmar o que na nossa ultima carta diziamos. As amnistias só as concedem os governos fortes. O sr. Almeida tem veleidades de poder organisar um ministerio forte, que governasse ao arrepio, que estabelecesse a ordem, que reorganisasse a disciplina, que imponha o respeito pelos direitos de cada um lembrando a todos os seus respectivos deveres?

Se as tem, depressa deve ter ficado desiludido, com a resposta dos independentes que na sua essencia era pouco de molde a garantir ao novo ministerio certa viabilidade parlamentar.

Mas respondendo assim, frisando varios pontos de administracão que parece serem os que formavam o programma do gabinete Almeida, os independentes com a sua nota vieram dar-nos duas novidades.

1.ª—que os unionistas entram *ipso facto* concordes com a amnistia.

2.ª—que a constituição está de todo esfarrapada, porque dando ao Presidente da Republica, e só a elle, o direito do indulto, um grupo parlamentar não hesita em vir dar a sua opinião sobre uma coisa em que ninguem lhe fallou, porque é prorogativa unica e exclusiva do Chefe do Estado.

Pondo de lado esta ultima que só mostra a confusa baralhada em que tudo anda no nosso paiz, sem respeito algum pela constituição, que elles proprios fizeram ou ajudaram a fazer, vamos a ver como é que um grupo politico soube hoje dar o seu appoio parlamentar a um ministerio da direita que quer A e não B, e amanhã porque esse ministerio não foi viavel soube ir dar o mesmo appoio parlamentar a um ministerio de esquerda que quer C e não D, isto é cujo programma é absolutamente differente.

Por certo se o sr. Camacho deu o appoio ao sr. Antonio José de Almeida é porque concordou com o seu programma ministerial: amnistia, revisão da lei da separação, estabelecimento d'ordem, nada de emprestimos. E concordando com elle, como pode concordar com o sr. Affonso Costa que não quer amnistia e parece querer emprestimo, que considera intangivel a lei da separação e que quer branco no que sr. Antonio José queria preto, amarello no que este queria côr de rosa? Não se percebe.

Ainda se não sabe se o appoio dos unionistas ao sr. Affonso Costa foi tambem dado por escripto, mas se o foi, muito divertido seria comparar essa resposta do sr. Camacho á que elle deu ao sr. Antonio José de Almeida.

E no entanto, no nosso entender, quem tem razão é o snr. Camacho. Que culpa tem elle que os ministerios tenham programmas differentes. Elle é ministerial e dá-lhes o seu appoio, tanto lhe importando se são conservadores ou radicaes, socialistas, ou anarchistas. Elle fica onde está, appoiando o ministerio. Se este muda de opinião, não tem nada com isso.

Tal qual aquelle illustre deputado que ha annos defendeu na camara um parecer de ministerios de differentes partidos. Accusaram-n'o de mudar. Não ha tal dizia um jornalista de espirito. O snr. deputado não mudou, o que mudou foi o governo!

RAUL.

Todas as noivas de bom gosto
encomendam os seus enxovaes
NO
ATELIER DE ROUPA BRANCA
M. d'Aguiar Leitão
20—Praça da Batalha—22
(Á entrada da rua de S.º Ildefonso)
PORTO

SEMANA MUNDANA

A limonada

O marido no automovel, dissera-lhe com aspereza:

—Vê lá se fazes alguma tolice... Não estás costumada a estas cousas.

Ella, mal humorada, aborrecida com o vestido novo que lhe apertava debaixo dos braços, pouco á vontade no decote que lhe dava uma sensação de frio no peito, respondera-lhe seccamente, virando o rosto para a rua, a evitar mais conversas:

—Ora!... não faças tu as bodegas que costumas fazer á meza, lá em casa, que cá por mim não ha-de haver novidade.

E, de facto, no jantar diplomatico a que fora convidada na sua qualidade de esposa de um dos ministros, e dos mais influentes, ella portara-se com uma correcção que o marido, lá do outro lado da meza, espreitára com uma certa anciedade, emquanto, distrahido com aquella preoccupação, se ia servindo da faca como se fosse um garfo e ruidosamente, ás mãos ambas, ia limpando o bigode e a barba ao guardanapo que atára ao pescoço, como fazia em casa.

Ella nenhuma incorrecção praticára effectivamente no decorrer do jantar, e, de menos perfeito, o seu visinho da esquerda, representante de uma nação estrangeira que á meza a conduzira pelo braço, apenas lhe notára a repugnancia que parecia ter em retorquir ás palavras attenciósas com que elle, em francez, lhe mostrava desejo de agradavel e distrahida lhe fazer passar aquella hora de refeição.

E nem mesmo que tivesse observado a attenção que ella punha em não tocar em iguaria alguma sem que os outros lhe tivessem dado o exemplo, o diplomata seu visinho suspeitaria da preoccupação que a atormentava a cada prato, no receio de que passivelmente aquillo tudo que o creado lhe ia servindo se não comeria da maneira que ella palpitava olhando hesitante certos talheres de formas complicadas.

Mas aquelles cuidados em que todo o tempo estivera para que lhe não escapasse alguma *tolice*, como asperamente lhe dissera o marido no automovel, tinham-lhe amargurado de tal forma o jantar, que fôra com um suspiro de allivio que ella vira aproximar-se o fim da refeição, com o servir de um doce que, pelo aspecto, lhe parecêra precisar d'um corte rijo de faca, e que afinal se lhe desfizera no prato, maciamente, quando, pelo exemplo da senhora que lhe estava fronteira, ella lhe tocára ao de leve com a colher.

Effectivamente o jantar chegava ao fim e n'esse findar ella teve a unica satisfação de toda aquella longa hora de cuidados.

O creado, silencioso e grave, puzera-lhe em frente uma tigella de cristal, onde' n'uma agua limpida em que o reflexo das luzes brincava, uma rodella de limão boiava tranquilla.

Ao ver aquillo ella teve quasi o sobresalto de alegre surpreza que se tem ao deparar, inesperadamente, com um velho amigo, em meio de uma multidão desconhecida e indifferente.

—Ah! disse comsigo. Isto ao menos sei eu o que é... E' uma limonada.

E no primeiro desembaraço de toda aquella tarde, levando aos labios a fina tigella de cristal, bebeu de um trago a agua tepida, em que a roda de limão boiava.

ANS.

Em Madrid

O que ides lêr, não é bem alguma coisa de elegancia, muito pelo contrario, tudo o que ha de menos elegante. Mas, já que aqui estou, não quero deixar de descrever, ás leitoras da «Semana mundana» que nunca passaram o dia 31 de dezembro em Madrid, uma das mais tipicas noites madrilenas. Ahi vae a descripção, o bastante para se ficar fazendo uma leve ideia

Em Madrid, entre la gente del pueblo, principalmente, ha o tradicional costume de, a cada badalada da meia noite de 31 de dezembro, comer uma uva. E' um costume disparatado como o português da alcachofra, do bochecho, do chinélo pela escada acima, etc, na noite de Santo Antonio. Só com a differença que aqui todos fazem por se juntar na Puerta del Sol e esperar que no relogio do Ministerio da la Gobernacion caia a bola e soem as badaladas que avisam a chegada de um novo anno. Não se pode calcular, (só vendo se faz ideia) a enorme massa de gente que das 11 e meia por diante se junta na Puerta del Sol: um barulho ensurdecedor de apitos, latas velhas, gaitas de canna, berros, tudo isto misturado com os timbres dos tranvias que levam meia hora e mais a percorrer a Puerta del Sol, com os *¡Ahi bá!* dos raros cocheiros que se arriscam n'essa noite a essa travessia. Garotos pequenos, de tamanho regular e grandes, homens já feitos, outros já quasi desfeitos, mulheres, creanças, tudo, tudo se comprime, uvas na mão, esperando a primeira badalada. Falta só um minuto; todos esses milhares de bôccas se calam; todos esses milhares de latas se removem ao silencio; e é no meio de um silencio sepulcral que sôa a primeira badalada; as 11 já se não ouvem; parece que endoideceu tudo; as uvas comem-se n'um relampago; e ainda vão a caminho do estomago, já todos dançam, todos berram, as latas, os apitos, os zabumbas, tudo aquillo que é verdadeirameute infernal, atordoa os ouvidos n'uma furia louca; organisam-se batalhões que, com as suas latas, com vassouras, com fardamentos exoticos e com um ar marcialissimo, abandonam a Puerta del Sol, enfiando uns pela *Carrera* outros pela calle de Alcalá e a maior parte pela calle Mayor, e d'ahi passando á calle de Toledo tomam os bairros, «los barrios bajos», onde até de manhã dançam e fazem evoluções, bebem e dormem pela rua. Isto é o que faz a gente del pueblo. A gente que passa o inverno ao calor das *chimeneas* receando o frio, n'essa noite perde toda tambem a cabeça.

Sahi ás 11 e meia do bairro de Salamanca; percorri toda a Castellana, todo Recoletos, subi Alcalá desde Cibeles ao Casino; metti pela calle de Sevilla, Carrera, até á Puerta del Sol; pois, durante todo este percurso, não havia uma unica janella fechada; em todas ellas, havia luz e gente com copos e uvas na mão; estava uma noite deliciosa; 3 abaixo de zero.

A noite de 31 de dezembro bastaria para caracterisar o genio vivo, alegre, d'este excellente pôvo hespanhol, este povo tão franco, tão bom, tão amoravel com o seu aspecto exterior rude e secco. Se fosse em Portugal, não estaria a estas horas aqui no Suizo escrevendo; estaria no hospital com alguma facada; aqui não houve uma desordem nem uma unica prisão n'essa noite.

TONY.

Visitas

Recebemos uma, ao de leve, perfumada carta, escripta com uma lettra tão elegante, tão egual, d'uma gentil senhora (é gentil e bonita, oh se é! iamos jural-o!) pedindo-nos a entrada n'esta secção, que não temos a menor duvida em publical-a, esperando que venha dar realce a esta secção.

Snr. Redactor:

Queria eu ter o estylo fino e bello de Annibal Soares, a *verve* encantadora de Alvaro Chagas, a penna elegante de Joaquim Leitão, e pedir-lhe-hia para, todas as semanas me reservar uma columnasinha na sua secção.

Mas, sem nenhum dos predicados daquelles tres jornalistas d'elite, sabendo eu só o que uma rapariga, como eu, deve saber para ser util em sua casa e não ser inutil n'uma sociedade peço-lhe, snr. Redactor, para de tempos a tempos me conceder um *logarsinho* na sua secção onde dentro dos limites do meu fraco saber, tentarei fazer prender a attenção das suas innumeras leitoras.

E, senhores criticos, quando ao lerem o «Correio», chegarem á parte escripta por mim, ...saltem... e leiam... o artigo seguinte que tem para os senhores maior interesse.

Dirijo-me só ás unicas pessoas que me comprehenderiam, as senhoras...

Não queira pois, snr. Redactor, vêr aqui uma escriptora, para o que não tenho meritos, nem uma livre pensadeira porque tenho crenças, mas uma catholica, que vem dirigir-se ás mães catholicas, sugerindo-lhes ideias, que talvez lhes sejam uteis.

Um pouco de tudo

No dia 2 os illustres diplomatas, actualmente Ministros em Berne, Senhores Marquezes Paulucci di Calboli reuniram na legação, alguns subditos de S. M. o Rei de Italia.

—Realizou-se em Angra do Heroismo o elegante casamento da Senhora D. Anna de Menezes e Cunha da Silveira Bettencourt (Guadelupe) com o Snr. José Sieuve de Menezes Carvalho da Camarade Sá Coutinho (Sieuve de Menezes).

—Pelo Snr. Armando Belem Gueiffão foi pedida em casamento a Senhora D. Alice Lobo de Miranda Trigueiros.

—Teve a sua *délivrance* a Senhora D. Maria Augusta Belford Cerqueira Senna, esposa do Capitão de artilharia Snr. José Vicente da Silva Senna, antigo ajudante do Campo de Sua Altesa Real o Senhor Dom Affonso.

—Partiu do seu solar para Pau, a Senhora Condessa da Borralha.

—Passaram o Natal com os Senhores Viscondes do Paço de Nespereira, os senhores Condes de Bertiandos, que chegaram ha pouco do estrangeiro.

—Partiu para o Funchal, em visita a seus tios, a Senhora D. Maria de Jesus de Mello Breyner da Camara (Ribeira Grande).

—Partiu para Nice o Snr. General Conde de Sousa e Fan.

—Para S. Jean de Luz partiu no dia 8, a Senhora Viscondessa do Marco acompanhada de sua filha a Senhora D. Maria Amélia Burnay de Macedo.

—Partiu para a Allemanha o distincto Engenheiro Snr. Jorge de Mello (Sabugosa).

—Regressaram ao seu palacete no Porto, a Senhora D. Camilla Ribeiro de Faria e sua illustre familia.

—Regressam brevemente a Lisbôa o Snr. Eduardo Santos Moreira, sua esposa Senhora D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira e filho.

—Os Senhores Viscondes de Olivã regressaram, no dia de Anno Novo, a Alcacer do Sal.

S. Ex.as tiveram uma imponente e significativa recepção, por parte do que mais de importancia ha nessa localidade.

—Estão no Porto o Snr. Engenheiro Carlos Roma Machado de Faria e Maia, sua esposa Senhora D. Mathilde Telles de Menezes Roma de Faria e Maia e filha Snr.a D. Paulina.

—Já se encontram no Porto, vindo de Guimarães, onde foram passar as festas do Natal com o Snr. Barão de Pombeiro, sua filha a Senhora D. Brigida de Mexia (Pombeiro) e netos Snr.a D. Maria e Snr. João Paulo de Mello Mexia.

—Dizem vai ser muito animado o «bal costumée» que os rapazes da nossa sociedade offerecem ás «demoiselles» portuenses. Já começaram a ser distribuidos os convites.

—A recepção semanal em casa da Senhora D. Beatriz de Paiva e Lemos e seu marido Snr. Jorge d'Almeida e Lemos esteve muito animada.

---

5 FOLHETIM D'O CORREIO

A CHICA

O SEU RETRATO

Eu creio ter já dito umas poucas de vezes, mas não faz mal repetil-o, que a Chica era uma linda rapariga.

Os olhos eram grandes, não tão grandes, tão grandes que d'ella se pudesse dizer que era toda olhos. Mas eram grandes, mesmo bastantes grandes. O Noronha dizia sempre que a prima Chica tinha cada olho que parecia um repolho. Não parecia tal. Mesmo uma das grandes qualidades dos olhos da Chica era não parecerem cousa nenhuma, nem parecerem de nenhum animal, nem de goraz, nem de vitello mal morto. Pareciam apenas o que eram: uns olhos admiraveis.

Eram verdes, mas d'um verde bonito, d'um verde accentuado, caracterisado, d'um verde que não permittia duvidas, que não dava logar a todas aquellas discussões que ha sempre que se falla de uma pessoa que tem olhos verdes: *Não são verdes, são azues... São verdes, d'um verde escuro... Não são tal, são azues, d'um azul carregado.*

Com os olhos da Chica não havia que discutir... Eram verdes ... Eram e são, porque lá n'isso tem ella sido constante... Tambem em alguma cousa havia de o ser.

Eram verdes, d'um verde escuro, exactamente do verde que a gente ahi vê na bandeira da Republica... O verde era o mesmo. A differença era que o verde dos olhos da Chica não desbotava com a chuva, e o da bandeira desbota quando chove e torna-se branco.

Se o encarnado tambem desbotasse e se tornasse azul, duas cargas d'agua restauravam a monarchia.

Mas o que havia de admiravel nos lhos da Chica, não era o verde, não era mesmo a pupilla, que por vezes se dilatava tanto que chegava a passar de pupilla a tutora. Não era... O que havia de admiravel nos olhos da Chica era... o olhar, era a expressão.

Quando ella olhava a gente com ternura, e, coitadinha! como era muito terna, olhava com ternura quasi toda a gente, excepto o primo Noronha, com quem embirrava tanto, a quem tinha tanta raiva, que até veio a casar com elle,—quando ella nos olhava com ternura, dizia eu, tinhamos a impressão de que nos deitavam sobre a cabeça um manto de sêda muito macio, muito brando, que estivesse servindo a Löe Fuller nas suas dansas luminosas, d'uma tão fresca e luminosa macieza era a sua terna expressão, ou então parecia-nos que mergulhavamos de cabeça para baixo n'um lago de velludo liquido, mas d um velludo muito fino, muito... muito avelludado, um velludo para mais de onze tostões o metro.

Quando se zangava e nos fitava encolerisada a impressão tambem era de mergulho no banho de velludo, mas ao revez.

Em momentos de serenidade, de tranquillidade, o seu olhar então tomava uma expressão... uma expressão... Eu queria dar bem uma idea... Imaginem-se sentados no adro de uma capella tranquilla em meio do campo, por uma tarde de outono, uma tarde serena e branda. Imaginem-se olhando o campo, vendo os rebanhos recolhendo mansamente ao redil, as camponezas voltando do trabalho em grupos lentos pela estrada. Supponham ao longe um toque suave de Ave Marias. E tendo imaginado tudo isto, imaginaram precisamente o que era o olhar da Chica, n'um momento de tranquillidade e de paz.

Mas agora supponham n'esse quadro, todo placidez, todo brandura, um automovel a 90 á hora, levantando nuvens de poeira, apitando desesperadamente a sereia, atirando carroças pelas ribanceiras, esmagando patas, patos e galinhas, atropelando burros, pondo em debandada, entre gritos de pavor, os bandos de camponezas, e por cima disso tudo supponham os sinos de todas as freguezias de Lisboa a tocarem a rebate, e terão uma ideia nitida, precisa, exacta do olhar da Chica, na pagodeira de uma mascarada ou no *grande chaine* d'uma qnadrilha marcada em qualquer *salsifré*.

Da bocca não fallo... Ou antes fallo... Fallo, sim, fallo... mas calo-me, que é sempre o que me succede quando fallo da Chica. Vem-me uma tal comoção, o coração põe-se-me de tal forma aos pulos, que perco a falla, e não ha meio de ir para deante.

E' que a bocca da Chica era admiravel.

D'um vermelho terno, d'uma frescura!... Eu chamava-lhe o meu frasquinho de agua dentrifica do dr. Pierre. E então quando muito junta a mim, muito junta: dizia: *Amo-te*... a bocca da Chica não era bocca... era uma edição de luxo das *cem melhores poesias lyricas* do mundo, encadernada em chagrin vermelho, com fachas de prata.

Aquelle *Amo-te*, que ella, coitadinha! repetiu tremula, mas sem resultado pratico, a todos os rapazes de meu tempo, era mais de que o presente do indicativo do verbo *amar*, era toda uma grammatica de amar, mas uma grammatica em verso e com illustrações: os beijos, coitadinha!...

Houvesse ao pé d'ella um padre, uma egreja, uma agencia que se enearregasse de arranjar os papeis de um momento para o outro, que com as facilidades que a lei do divorcio dá, todos os rapazes da meu tempo teriam ido casando successivamente com a Chica, logo que ella dizia aquelle *Amo-te*, muito baixinho, muito repenicadinho... Mas, felizmente, não havia, e quem casou com ella foi o primo Noronha, o que aliaz foi muito bem feito.

O nariz era grego, d'um grego purissimo, mas em todo o caso d'um grego já depois da tomada da Salonica, isto é, d'um grego arrebitado. E o que elle tinha de espantoso, de admiravel, eram as azas, umas azas d'uma expressão inexcedivel. que se contrahiam, que se dilatavam, que palpitavam, emfim, umas azas que voavam, que pareciam azas de pomba nos momentos de mais ternura, que se diriam azas de gallo enxofrado ao ver outro gallo invadir-lhe a capoeira, quando a Chica tinha os seus ataques de furia.

No pescoço nunca reparei. Não sei como as cousas se arranjavam que o meu olhar se conseguia desprender-se-lhe dos labios era para tombar extenuado no seio, sem dar tento do pescoço.

O seio da Chica!... Mas, ó senhores!, o peito da Chica era uma cousa tão bella, tão admiravel, que não havia recita de gala em S. Carlos, baile, ou festa a que ella fosse decotada, que não desse resultado vir o primo Noronha para casa com a orelha direita a deitar sangue, de tanta vez que dizia durante a noite a toda a rapaziada, apontando o decote da prima Chica, e apertando a ponta da orelha entre o pollegar e o indicador:

—E' d'aqui, meninos, é d'aqui...

E o primo Noronha, que aliaz era muito burro,—tão burro mesmo que a Chica acabou por casar com elle,—tinha razão no que dizia, porque na realidade... era d'aqui...

O busto airoso, admiravelmente airoso, assentava n'um adelgaçar suave até á cintura, n'uns quadris que pareciam feitos a compasso, tão impeccavel era a curva... do espartilho.

Por fim... os pés.

Ora com verdade lhes direi que os pés da Chica não eram muito... muito pequeninos. Pequeninas, muito pequeninas eram as mãos, pequeninas e brancas, muito brancas. Mas os pés... Os pés eram mesmo grandes... direi até mesmo muito grandes.

Mas, quanto a mim, a Chica tinha os pés muito grandes... de proposito.

Que era para fazer mais bulha quando se punha aos pulos no meio das salas.

ANSELMO.

Entre a illustre assistencia estavam as senhoras Condessas de Campo-Bello e Betteucourt, Viscondessa da Ermida e filhas, D. Lucrecia e D. Maria Ritta, D. Felismina Ayres de Gouvêa, D. Maria e D. Thereza Ayres de Gouvêa Allen (Villar d'Allen), D. Margarida Vieira, D. Henriqueta Viterbo e filha D. Virginia, D. Ignez Guedes Cabral e filha D. Ignez, D. Julia D. Angelina e D. Maria da Anunciação Peixoto Taveira, D. Eliza de Figueiredo Cabral e filhas D. Magdalena e D. Julia, D. Maria Rego e filhas D. Clara e D. Bertha, D. Eliza Lima, D. Maria Thereza Vieira D. Maria Costa Allemão Teixeira.

—No sabbado ultimo realizou-se um baile no elegante «Club Portuense», vendo-se o que de melhor ha na nossa sociedade.

Ao accaso, notamos as Senhoras Condessa de Bettencourt e filha D. Maria Adelaide, D. Eliza de Figueiredo Cabral e filhas D. Julia e D. Magdalena, Viscondessa da Ermida e filhas D. Lucrecia D. Maria Ritta, D. Maria Luiza Aragão, D. Maria dos Prazeres e filha D. Maria Claudia Palma de Vilhena, D. Maria de Sousa Rego e filhas D. Clara e D. Bertha, D. Etelvina Mendes Corrêa e filha D. Elsa, D. Brizida de Mexia (Pombeiro) e filha D. Maria, D. Maria Margarida de Mesquita e filha D. Maria Margarida, D. Adelina Nogueira Pinto, D. Maria João de Bettencourt e irmãs, D. Eliza e D. Justina Andressem, D. Julia Jacobi Povoas e filhas D. Maria e D. Laura, etc. etc.

CHRONICA
da Vida Nacional

Se a imprensa constitue um dos maiores symptomas da opinião de qualquer paiz, quem ler os jornaes portuguezes—quasi todos republicanos de mais ou menos carregado matiz—ha de ficar dolorosamente impressionado, pois das suas columnas só ressuma odio e desdem pelos individuos, que não commungam no mesmo modo de pensar.

Isto mostra, ao primeiro relance, que lhes não assiste serenidade e independencia; o modo apaixonado e incorrecto como se expressam evidencia um despeito, de que só elles e os dirigentes do regimen são culpados, pois d'elles desceu sobre o paiz—que não éra nem é republicano—o acanhado raciocinio de que o novo regimen, simplesmente por disfructar o poder, podia mandar com desdem e impôr-se pela contrariedade, para dissolver tudo o que até então o povo cria e amava.

Como os iconoclastas do Oriente, tudo que abstractamente influia no nosso espirito de crentes e de phantasistas elles derruiram com uma sanha, que os psichiatras de hoje classificarim de epilepsia; a sua confessada e patente inferioridade em numero e em intellectualidade quiz impôr-se violentamente a quasi toda a nação, parodiando assim aquelle doido de Épheso que, para ficar célebre nos annaes da loucura humana, lançou fogo ao templo de Diana.

Que se seguiu d'ahi? Conquistarem Portugal para a implantação dos seus caprichos e das suas vagas theorias, que só teem desorganisado e destruido tudo o que os grandes homens do passado levaram séculos a construir? Não. O que teem feito é semear odios, desencadear tempestades, converter os indifferentes em inimigos, despovoar os campos, atrophiar as forças vivas do paiz, tornando-o inerte e desalentado, de modo a só agora responder um longinquo ecco ás vozes dos que desejam remedear esse descalábro, e sahir um *non póssumus* de intransigencia das boccas d'aquelles a quem feriram tão caprichosamente na sua dignidade e no seu desinteresse.

Julgaram rasgar assim as paginas da historia, e afinal cada vez as tornam mais sublimes, cada vez arrebanham mais adeptos para o passado, pois cada um que encerra nos presidios se multiplica em dezenas, nos que ficam a lamental-o e a incutir-lhe coragem, para se conservar na infelicidade mais digno e altivo, do que era cá fora, á luz do sol.

Mal a Republica imagina quantos auxiliares lhe tem desviado a prisão d'uma Gama, d'uma Ficalho, d'uma Brito e Cunha; cada dia que passa lhes augmenta o prestigio e mais lhes auréola de nimbos esplendorosos as frontes, em que até agora só brilhavam os diademas da sua tradição heraldica.

Nenhuma d'essas feições de linhas patricias as podem dissolver as dos bustos da Republica, significando faces sem expressão, ou traços de adolescentes, para quem é vazia de sentido a ideia que representam.

O proprio symbolo official, de Teixeira Lopes, é tão cheio de artificio, que nem o escôpro do nosso primeiro esculptor teve o poder de vincar-lhe um traço caracteristico, a symbolisar os factos heroicos da padeira de Aljubarrota, de Filippa de Vilhena, de Leonôr Pimentel ou da Maria da Fonte.

E' que o movimento republicano não brotou da alma nacional; póde, apenas comparar-se a esses fenomenos cosmicos, que, depois de convulsionaram qualquer região lhe restituem a normalidade, rompendo d'entre a lava e a derrocada novas plantas, ricas de seiva e opulentas de folhagem, a fazerem olvidar os dias tristes, que lancinaram almas, despedaçaram corações e tudo semearam de ruinas e de victimas.

Assim, d'entre as ruinas do 5 de Outubro, ao passo que foram surgindo novas energias, para, com o seu vigôr, rejuvenescerem o paiz, alquebrado por tantos impulsos estereis, ha de haver muito quem recolha respeitosamente os pedaços d'esses emblemas do passado, destruidos a camartello e essas tradições sublimes abolidas com uma pennada de tinta, e os reconstitua sobre as paginas dos nossos feitos, como quem recompõe uma obra de arte, destruida pelas mãos dos barbaros, para á sua sombra continuar a subsistir a bandeira gloriosa dos nossos avós, dando-nos a liberdade que o barrete phrygio nos coarctou, symbolo que apenas significava a alforria dos que, antes de serem libertos, foram escravos. E nós nunca o fomos.

ANTONIO LANÇA

Chronica do theatro

Sá da Bandeira—Em virtude da enorme falta de espaço com que luctamos não nos referimos hoje á *premiére* de hontem, *Soldado de Chocolate*, o que faremos no proximo numero. Contudo, resumindo as nossas apreciações diremos que a musica de Strauss é completissima e o scenario e o guarda roupa luxuosissimos. Soldado de Chocolate repite-se hoje e ámanhã.

Carlos Alberto—Apezar do enorme exito que alcançou a linda operetta *Amor de Zingaros*, já hoje temos uma nova *premiére*, com a *Familia Pollaca*, operetta de grande sucesso. Como succede em todas as operettas de Lehar a musica da *Familia Pollaca* é um verdadeiro encanto.

Aguia d'Ouro—Continua em scena, com grande successo, a revista *Deixa correr...*

—Termina no dia 15 o praso para os assignantes de camarotes da epoca passada, terem a preferencia aos mesmos para os quatro ultimos bailes de mascaras, que se realisam em 1, 2, 3 e 4 de fevereiro.

CINEMATOGRAPHOS

Jardim de Passos Manoel—A affluencia a esta elegante casa de espectaculos, a preferida pela primeira sociedade portuense, é de dia para dia maior o que não admira, já pelos bem organisados programmas, em que figuram sempre as principaes novidades em cinematographia, já pelos explendidos numeros de variedades.

—Hoje realiza-se um novo baile de mascaras que, a calcular pelo primeiro, deverá ser muito e distinctamente concorrido.

Salão High-Life—Promettem ser deveras sensacionaes e interessantes as sessões de hoje e de amanhã n'este bello e confortavel salão.

Salão Pathé—A empreza, apezar de grandes sacrificios, conseguiu adquirir um *film* que deverá causar enorme sensação.

Colyseu de Variedades—Os novos numeros, que vieram completar o já bem elaborado programma, continuam fazendo successo. Todas as semanas estreias de sensação.

Olympia—A engraçada revista *Peço a Palavra*, que já conta 200 e tantas representações, continua chamando grande concorrencia.

ANNUNCIOS

A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland Systema Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris. Academia das Sciencias, «Premio Montyon» Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES
Depositario para Portugal e Colonias
Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manoel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manoel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

Preço com grande desconto aos revendedores.

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser **apprehendidos**, pois são objectos de meu commercio.

Pedidos a

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72—PORTO

Adega Particular
DE
ANTONIO A. LEAL PECEGUEIRO
á R. S. Bento da Victoria, 54-A

Vinhos maduros, do Douro e Verdes de Amarante
(Branco e tinto)
por conta do lavrador

Vendas por junto e a retalho

Entrega aos domicilios

COMPANHIAS DE SEGUROS
La Union y el Fenix Espanol
DE MADRID
Union Maritime de Paris
Mannheim de Mannheim
Seguros sobre a vida, inceudio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.ª
Rua da Prata, 59, 1.º

"PICCADILLY"

58, RUA GARRETT, 62 **Telephone, n.º 3658**

A mais importante casa d'artigos para homem

Alfayate, Mercador, Camisaria, Chapellaria
e artigos concernentes a estas especialidades,
como impermeaveis, chapeos de chuva, bengallas
e gravatas em todos os generos

CIGARROS
Presidente ARRIAGA
Fina mistura de tabaco havano

A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

LEGITIMOS
CIGARROS D'ALGER
PERFUMES de salon
CREMES d'Herbe divine
Universalmente conheeido como os mais hygienicos
— Não affectam a garganta —
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

COMPANHIA DO GAZ
DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba). . . . . 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro) . . . . . 8$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto. Peso garantido

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de **Coke** que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto 71, ou na fabrica, no Ouro.

ALBANO RAMOS PAES

CASA DE MODAS E CONFECÇÕES

Rua do Coronel Pacheco, 3—PORTO

Telephone, 393 End. telegr. **Novidades**

Sortido completo em todo o genero de tecidos para vestidos de passeio e vesita.
Especialidade em tecidos para toilletes de cerimonia.

Unica casa que tem sempre as ultimas novidades em guarnições para vestidos.
Enxovaes para casamento, para o que tem pessoal habilitadissimo.

Atelieres de vestidos e roupa branca

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama, e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo

CASA FUNDADA EM 1873

11—Largo dos Loyos—14—PORTO

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

R. da CONCEIÇÃO, 71 a 75 ✻ **R. das OLIVEIRAS, 108 a 128**

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta dôce e azêda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

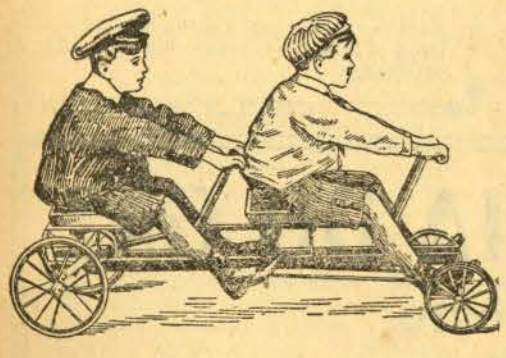
CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabríca todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º **PORTO**



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeris

Cleigos, 70

CASA ROCHA

Armazem de artigos de verga e palha

(Antiga casa do Chalet do Bolhão)

Cadeiras e cestas da Ilha da Madeira

73, Praça do Bolhão, 74—PORTO

CASA DOS LINHOS

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes Collegios do Paiz

288-Rua de Fernandes Thomaz-290

PORTO

N'este estabelecimento encontra-se enorme sortido de pannos de linho e atoalhados.

Artigos para collegios e enxovaes

Enviam-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VIDRARIA MODERNA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

AGENCIA DE LEILÕES

DE

Antonio Coelho Relvas

Rua do Bomjardim, 494

(Proximo á rua Fernandes Thomaz)

Encarrega-se de fazer leilões em casas particulares, tanto no Porto como nas provincias. Recebe moveis á comissão para serem vendidos em leilão no seu bazar na rua do Bomjardim, 494.

Seriedade nas transacções.

O agente, *Antonio Coelho Relvas.*

"ADESIVOS E MAKAVENCOS„

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE„

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro